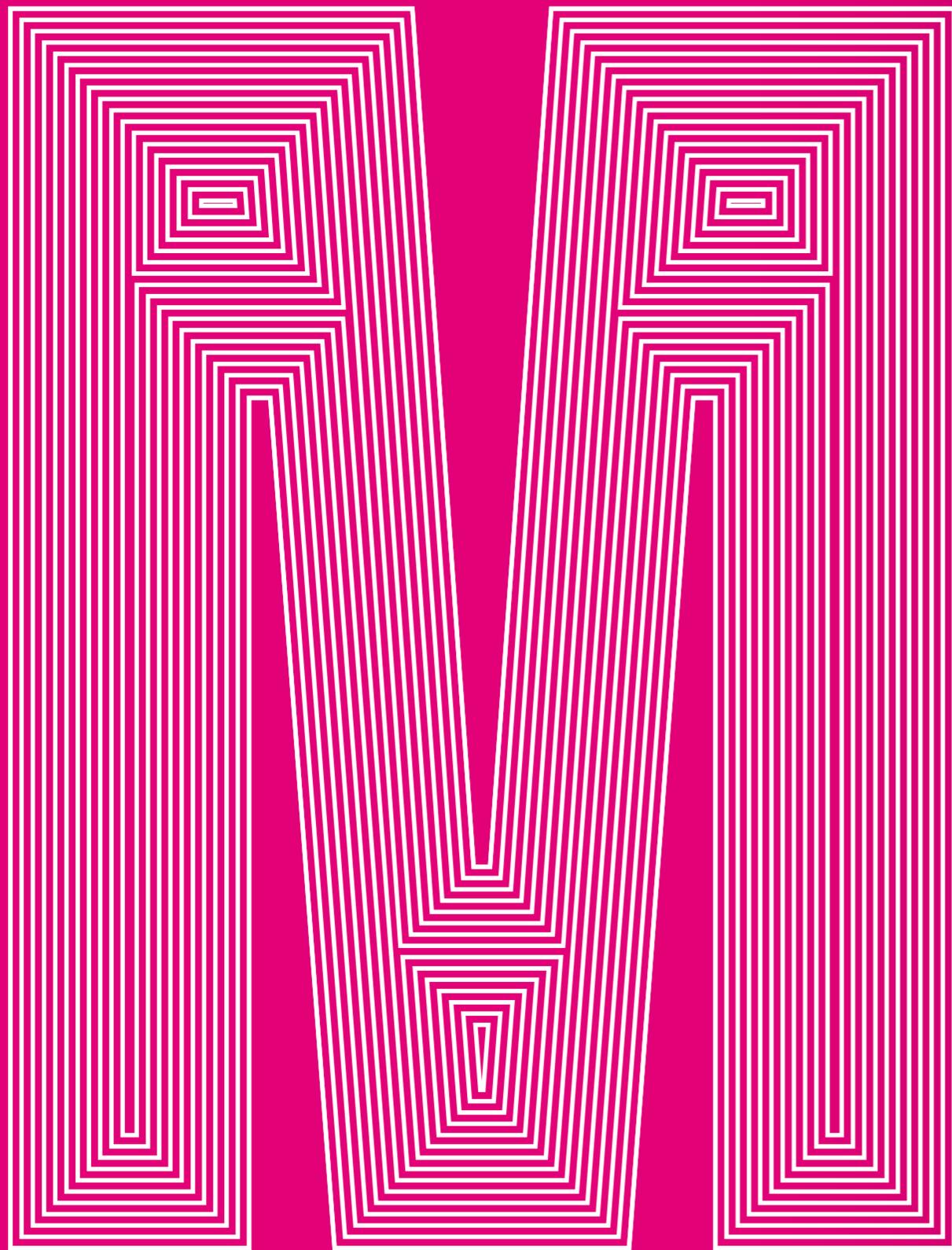


A R T U R
C R U Z E I R O
S E I X A S
M Á R I O
C E S A R I N Y
C A R L O S
C A L V E T
M A R C E L I N O
V E S P E I R A

A PARTIR DO SURREALISMO

NA COLECCÃO MILLENNIUM BCP

A N T Ó N I O
D A C O S T A
E D U A R D O
L U I Z
G R A Ç A
M O R A I S
P A U L A
R E G O



—
**A PARTIR DO
SURREALISMO**
NA COLECÇÃO MILLENNIUM BCP
—

FUNDAÇÃO
**MILLENNIUM
BCP**

A coleção de pintura do Millennium bcp tem sido objeto de estudo sistemático e aprofundado sob orientação científica da Prof. Doutora Raquel Henriques da Silva com quem tenho tido o privilégio de trabalhar e muito aprender.

A catalogação e inventariação, a sua conservação e divulgação são áreas de intervenção a que tem sido dada prioridade e nas quais temos beneficiado do conhecimento e do entusiasmo mobilizador e enérgico da Prof. Doutora Raquel Henriques da Silva.

O programa “Arte Partilhada” que a Fundação promove desde 2009 permitiu já realizar três exposições itinerantes divulgando as obras da coleção, cobrindo duas os grandes movimentos pictóricos Naturalismo e Modernismo, e uma outra de âmbito mais alargado que foi designada de “Abstração”.

Este ciclo de divulgação da coleção envolvendo obras de vários autores e de diferentes períodos será agora encerrado com a presente exposição “A partir do Surrealismo” e que conta com 37 obras de oito autores.

O catálogo que agora se apresenta, que contém textos de grande valia sobre as obras expostas e sobre o surrealismo, permitirá ampliar a experiência visual e a sua fruição pelo público.

A presente exposição está ainda enriquecida pela instalação *site-specific* de Rui Macedo que acedeu com entusiasmo ao convite que lhe foi formulado pela Fundação e que seguramente irá surpreender os visitantes pelos diálogos que proporcionará com as obras expostas.

Esta intervenção contemporânea na exposição constituirá uma novidade na Galeria Millennium e as suas pinturas *trompe l'oeil* usando sofisticadas técnicas artísticas e oficinais contribuirão para que o visitante se embrenhe na reflexão sobre a pintura e o cerne da criação dos artistas representados.

Chegados aqui isso não significa que o estudo e divulgação da coleção estejam concluídos antes havemos de os continuar explorando novas fases e novos percursos valorizando assim a coleção, homenageando os artistas que a integram e honrando a dinâmica inspiradora de quem tão generosamente nos tem ajudado a conhecer o nosso acervo de pintura.

**Presidente
da Fundação
Millennium bcp**

Fernando Nogueira

Lisboa, 1 de Julho de 2017

—
N O T A

Este catálogo encontra-se organizado por núcleos autorais e oferece, simultaneamente, uma leitura diferenciada de conteúdos. Nele se encontram representados 8 artistas e respectivas notas biográficas bem como 42 obras pertencentes à Coleção Millennium bcp, acompanhadas de fichas técnicas e referências bibliográficas. Das 42 obras que figuram no catálogo, 14 são objecto de comentário individualizado.

RHS e JOM escrevem de acordo com a antiga ortografia.

1 1	E x p o r e e s t u d a r u m a c o l e c ç ã o : Q u e s t õ e s d e m e t o d o l o g i a
2 6	C r u z e i r o S e i x a s
3 2	M á r i o C e s a r i n y
3 8	C a r l o s C a l v e t
4 6	M a r c e l i n o V e s p e i r a
5 2	A n t ó n i o D a c o s t a
5 8	E d u a r d o L u i z
6 6	G r a ç a M o r a i s
7 8	P a u l a R e g o
9 7	B i o g r a f i a s d o s a u t o r e s

EXPOR E ESTUDAR UMA COLEÇÃO: Questões de metodologia

A Coleção de arte do Millennium bcp, no que se relaciona com as artes plásticas, é fundamentalmente constituída por pintura (largamente maioritária) e desenho (incluindo aguarela e guache) possuindo também um núcleo consistente de tapeçaria¹. Desde 2009, quando, por convite do então presidente do BCP, Dr. Carlos Santos Ferreira, comecei a conhecer e estudar essa Coleção², propus uma metodologia de actuação que tem sido continuada até hoje, facto digno de nota, num país onde o que é habitual começar, parar, desistir ou alterar as decisões iniciais.

As primeiras tarefas, logo em 2009, foram de retaguarda. Leonor Oliveira e Hugo Xavier, que haviam terminado os mestrados pouco antes, foram contratados durante alguns meses como bolseiros, para rever o inventário registado no programa Matriz (utilizado nos museus portugueses tutelados pela actual DGPC – Direcção Geral do Património Cultural). Esse trabalho decorreu sob orientação de Rui Paiva e permitiu-me compreender os conteúdos essenciais da Coleção. Havia então a ideia de fazer um Catálogo

¹ Este núcleo foi estudado por Sandra Leandro, *Redes sem mar: 12 tapeçarias da Manufactura de Tapeçarias de Portalegre. Coleção Millennium bcp*. Catálogo de exposição. Lisboa, Millennium bcp, 2010.

² Ver *Arte partilhada Millennium bcp. Exposição itinerante de pintura*. Lisboa, Millennium bcp, 2009.

Raisonné que prontamente desaconselhei . O resultado seria não um livro mas um “livrão”, pesado, pouco maneável, não muito interessante e votado a rápida desactualização porque a Colecção não é fechada: nunca deixou de crescer, embora haja também perdas, por razões e em contextos diversos.

Em diálogo profícuo com o Dr. Fernando Nogueira, Presidente da Fundação Millennium bcp, propus que seguíssemos caminhos mais interessantes que, penso eu, nunca foram antes trilhados em Portugal onde, infelizmente, as colecções privadas (mesmo as institucionais, como esta) preferem viver numa espécie de limbo pouco aberto à fruição democrática, quando seria desejável que fossem entendidas também na sua dimensão patrimonial e a sua partilha considerada um desígnio de todos. Foi esta determinação que contextualiza a proposta de estudar a Colecção por subperíodos, divulgados através da realização de exposições e respectivos catálogos.

Realizaram-se até agora, 2017, quatro exposições dentro deste programa, contando com a que inaugura em Setembro e a cujo catálogo se destina este texto. Todas elas, com títulos diferenciados, tiveram em comum o excelente subtítulo «Arte Partilhada» que fora título da exposição de 2009, pensada pelo Dr. Carlos Santos Ferreira e em que participei. De acordo com as linhas de trabalho da Fundação Millennium bcp, tanto esta, como as outras exposições que comissariei, tiveram diversas itinerâncias que envolveram vários museus e centros de arte, numa descentralização muito interessante.

A primeira *Abstracção*, com comissariado meu e da Ana Ruivo, decorreu em 2010, no Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, espaço magnífico que conheceu então uma pequena requalificação, depois muito ampliada, segundo a

feliz determinação da direcção da SNBA. A nossa intenção foi mostrar um lado da Colecção menos conhecido, uma vez que, em geral, a sua conotação era predominantemente com o período naturalista. O núcleo que estruturámos, com bastante liberdade no entendimento do conceito “Abstracção”, irradiava das pinturas de Vieira da Silva e Arpad Szenes para obras de outros artistas não portugueses que integravam a Colecção e conheceram Vieira e Arpad (nomeadamente Zao Wou-Ki, Manessier, Poliakoff e Lankoy). Estendia-se depois a um conjunto diferenciado de pintores portugueses, nem todos conotados com a Abstracção mas que a praticaram em algumas fases, como Júlio Pomar, Nikias Skapinakis, Eduardo Batarida ou Eduardo Nery. Curiosamente, muitas destas obras – que integraram a Colecção vindas dos extintos Banco Pinto Magalhães e Banco Português do Atlântico – participaram numa série de exposições, promovidas por Fernando Pernes e são capítulos fundamentais da história que conduziu à criação do Museu de Arte Moderna da Fundação de Serralves³.

A segunda exposição que coordenei decorreu já na Galeria Millennium, na Rua Augusta em Lisboa, em 2013, e obedeceu a um conceito mais sistemático. Elegi então, como tema, a Pintura Naturalista portuguesa que, numa designação ampliada, fiz recuar aos anos de 1840 e alargar pelo século XX adiante, baseada, em primeiro lugar, nas possibilidades da Colecção, mas também no reconhecimento da longa duração e longa aceitação do Naturalismo. Decidi também distinguir exposição e catálogo: neste, estão registadas todas as obras da Colecção que cabem naquela designação alargada, mesmo as menos interessantes em termos historiográficos ou estéticos; mas, na exposição, as obras foram seleccionadas em função do espaço disponível e naturalmente da coerência e eficácia visual do discurso expositivo.

³ Ver o excelente texto de Ana Ruivo, “Abstracção. Obras da Colecção Millennium bcp. Critérios para uma selecção” in *Abstracção. Arte Partilhada Millennium bcp*. Catálogo de exposição comissariada por Ana Ruivo e Raquel Henriques da Silva. Lisboa, Millennium bcp, 2010, pp. 18-27. Ver também, sobre as origens do Museu de Serralves, Leonor Oliveira, *Museu de Arte Contemporânea de Serralves. Os antecedentes, 1974-1989*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda/ Instituto de História da Arte, 2013.

4 *Pintura naturalista na Coleção Millennium bcp*. Lisboa: Fundação Millennium bcp, 2013; *Pintura Modernista na Coleção Millennium bcp*. Lisboa, Millennium bcp, 2015.

5 Estes sucessivos projectos foram coordenados por mim, mas contaram com equipas de especialistas, recrutadas entre colegas (Ana Ruivo na *Abstracção*) e alunas ou ex-alunas (Rita Duro e Flávia Violante na *Pintura Naturalista*; Daniela Simões e Marta Soares para a *Pintura Modernista*). Pelo lado do Millennium bcp, além do apoio incondicional do Dr. Fernando Nogueira e da Fátima Dias, destaco Rui Paiva que além de coordenar a produção, foi responsável pela expografia de *Pintura Modernista*, como será de *A partir do Surrealismo*. Mas o espaço da galeria, muito desadequado para funções expositivas, fora significativamente melhorado por Mariano Piçarra e Luís Afonso para a exposição da *Pintura Naturalista*. Deixo de lado, para ocasião mais adequada, o grafismo, a conservação e restauro, a fotografia e os serviços educativos que envolveram muita gente e muito entusiasmo, em trabalho de equipa que foi, para todos nós, estimulantes situações de aprendizagem.

A mesma metodologia foi seguida para a terceira exposição, em 2015, dedicada ao Modernismo e que decorreu também no espaço da Galeria Millennium. Tal como fizera para o Naturalismo, usei o conceito de Modernismo numa cronologia alargada, ao longo das primeiras quatro décadas do século XX, e o Catálogo, com as mesmas características gráficas, integrou todas as obras que foram consideradas nessa periodização.

Mesmo sem números exactos, não tenho dúvida em afirmar que os catálogos do Naturalismo e do Modernismo documentam mais de metade das obras da Coleção, nos domínios da Pintura e do Desenho⁴. São pequenos livros manejáveis, na minha opinião mais agradáveis do que um Catálogo *Raisonné* tradicional, e cumprem integralmente a sua vocação: inventário extensivo e cronologicamente ordenado de dois dos núcleos fundamentais da Coleção, documentando todas as obras e todos os artistas, analisando algumas das obras mais importantes e citando a bibliografia de referência⁵.

A P A R T I R D O S U R R E A L I S M O

Entro finalmente na presente exposição que designei *A partir do surrealismo*. Em comum com as duas anteriores, o seu catálogo apresenta o levantamento integral das obras dos artistas da Coleção que resolvi considerar sob aquela designação, documentados (as obras e os artistas) com a maior extensão possível por Joana d’Oliva Monteiro. Em termos conceptuais, o âmbito desta exposição está, no entanto, mais próximo das opções tomadas para a exposição e catálogo *Abstracção*: não se delimitam fronteiras cronológicas, nem se articulam contextos histórico-artísticos. Ou seja, “Abstracção” e “Surrealismo” são utilizadas sobretudo como categorias estéticas que, definidas historicamente no passado (a Abstracção desde 1900; o Surrealismo desde 1920) se ampliaram e soltaram de contextos precisos. Podem assim ser utilizados para qualificar obras diversificadas que, numa simplificação não isenta de riscos, dão o primado, no caso da Abstracção, a valores formais e cromáticos, e, no caso do Surrealismo, ao confronto entre a realidade e a sua representação imaginosa.

Confesso, no entanto, que não são razões de teoria da arte que estiveram na origem das opções tomadas. O facto é que, fora do que coube no Naturalismo e no Modernismo, a Coleção não apresenta nem continuidades, nem sistematicidade. O mais evidente seria escolher conjuntos autorais, mas considere que ainda não era o momento de enveredar por aí, tanto mais que essa linha tem vindo a ser prosseguida por outras iniciativas no contexto da programação global da Galeria, dando origem, por exemplo, às exposições dedicadas a Júlio Pomar (2014) e a José de Guimarães (2016), sobre obras da Coleção a

que se juntaram outras, oriundas de outras colecções ou pertencentes aos próprios artistas.

Guiou-me também a determinação de me manter fiel ao pensar a Colecção, afinal ponto de partida do conjunto destes projectos⁶. Para isso, há que agrupar e confrontar obras e artistas, assumindo que, depois de 1940, há ausências que inviabilizam discursos predominantemente históricos, ou seja ancorados em cronologia e sistematicidade. No caso da Abstracção, inventar nexos de ordem estética ou formal foi mais fácil porque nunca houve, nem em Portugal nem na Europa, um movimento “abstraccionista” com alguma espécie de estruturação e vocação universalista. No caso do Surrealismo, a que finalmente chego, tive de me confrontar com o facto de ele ter sido um dos mais poderosos movimentos da arte internacional do século XX, reivindicado por muitos artistas, grupos, manifestos, contra-grupos e contra-manifestos, dinâmica militante e conflituosa que existiu também em Portugal⁷. Mas, do que se pode designar por Surrealismo histórico em Portugal, a Colecção não possui nenhuma obra dos anos de 1940 ou 1950, sendo as mais antigas, uma de Marcelino Vespeira, de 1958, inscrita no seu breve período para-abstracto, e outra de Paula Rego, de 1960, sendo que a pintora nunca se reivindicou do Surrealismo.

Estas interessantes questões, do ponto de vista da História da Arte, foram assumidas pelo título da exposição e do catálogo: *A partir do Surrealismo*.

⁶ Tendo em conta, o teor memorialista que este texto adquiriu, não posso deixar de citar outro projecto que está a ser desenvolvido no âmbito da Colecção. O seu enfoque são artistas relevantes que integram a Colecção mas que não possuem estudos credíveis e actualizados. Foram assim criadas duas bolsas de estudo, *Bolsas Millennium bcp Artes*, atribuídas ao Instituto de História da Arte (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa) para estudar o pintor naturalista Alves Cardoso (ganha por Daniela Simões) e o pintor modernista Francis Smith (ganha por Jorge Costa). A primeira está concluída e deu origem a uma exposição e a uma monografia, sob total responsabilidade da bolsa (ver Daniela Simões, *Artur Alves Cardoso 1882-1930. Alma Mater*. Lisboa, Fundação Millennium bcp, 2016); a segunda está a decorrer, em 2017.

⁷ Ver o estudo referencial em María Jesús Ávila; Perfecto E. Quadrado, *Surrealismo em Portugal 1934-1952*. Lisboa, Museu do Chiado, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2001.

S O B R E O S U R R E A L I S M O

“(A pintura surrealista) é livre de empregar qualquer forma, qualquer processo de figuração. Reconhece a si própria uma única característica decisiva: ser o veículo de uma força extrema de comoção poética”.

Michel Carrouges, *André Breton et les données fondamentales du surréalisme*, 1967⁸

“O Surrealismo nunca pretendeu ser uma doutrina ou um sistema, substitutivo dos sistemas existentes (...). Sendo a causa surrealista a causa da liberdade, o surrealismo entende reivindicar para a liberdade uma extensão que fora do surrealismo é considerada impossível”.

Jean Schuster, 1968⁹

Creio que estas duas citações, ambas datadas do final dos anos de 1960 na França a viver “Maio de 68”, bem distantes dos primeiros manifestos de André Breton na década de 1920, explicitam o que está em causa nesta exposição: não se trata de evocar o surrealismo histórico, mas considerar que a “liberdade” e a “comoção poética” são reivindicadas pelos arautos do Surrealismo, ao longo da segunda metade do século XX. Com essas expressões, designava-se a liberdade de ser rebelde e provocatório, enchendo a realidade com o fragor dos sonhos porque a dimensão onírica da vida é o seu cerne misterioso, o único capaz de abrir a não explicação das coisas.

Em termos da cena artística europeia, o surrealismo desenvolveu-se a partir de alguns aspectos do romantismo

⁸ Citado in Lima de Freitas, *Mário Cesariny*. Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, 1977.

⁹ Jean Shuster, “Entretiens sur le Surréalisme, sous la Direction de Ferdinand Alquié”. Paris, Ed. Mouton & Co, 1968, citado por Mário Cesariny, *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial*. Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1977, pp. 383-85.

oitocentista (do inglês William Blake ao espanhol Francisco Goya, do alemão Caspar Friedrich ao suíço-ínglês Henry Fusli) passou pelo pré-rafaelismo inglês e pelo simbolismo do final do século XIX (França, Bélgica e Alemanha), absorveu alguns aspectos do Expressionismo alemão e escandinavo de 1900, para se robustecer com o Dadaísmo dos anos da primeira Guerra Mundial que teve em Zurique o seu espectacular centro irradiador. Tornou-se doutrina sob a direcção do francês André Breton mas depressa se libertou e se ampliou por toda a Europa e nas Américas ao longo de todo o século. Por outro lado, essa militância internacional que Mário Cesariny assumiu em Portugal especialmente no final da década de 1970¹⁰, nunca deixou de procurar as raízes longínquas do surrealismo, nomeadamente nas artes populares e nas artes ditas primitivas não europeias, na arte românica medieval, e em alguns pintores de culto do Renascimento, como Hieronymus Bosch e Giuseppe Arcimboldo¹¹. Esta reivindicação de uma poderosa herança expressa-se, por exemplo, nas colecções pessoais tanto de André Breton, em exposição permanente no Centre Georges Pompidou em Paris, ou de Mário Cesariny, exposta na Fundação Cupertino de Miranda em Famalicão: acumulações de arte e não arte, marcadas pela particularidade, pela estranheza, pelos acasos.

Algumas das ideias mais caras aos surrealistas, ampliando as “emoção poética” e “liberdade” das epígrafes deste texto, questionam o estatuto aurático da obra de arte e mesmo do artista. Reivindicam que a arte é uma expressão comum a todos os humanos, como também à Natureza, que, no essencial, não é susceptível de aprendizagem e cuja validade é montada no confronto com os fantasmas de cada um, dos grupos e da sociedade.

¹⁰ Cesariny participou em várias exposições e congressos internacionais e organizou uma militante antologia que dá conta da internacionalização do movimento pela via dos estudos e manifestos. Ver Mário Cesariny, *Textos de Afirmação e de Combate do Movimento Surrealista Mundial*. Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1977.

¹¹ Ver o notável catálogo *As tentações de Bosch ou o eterno retorno*. Lisboa Capital Europeia da Cultura, 1994, coordenado por Paulo Pereira, tal como a exposição com o mesmo título, apresentada (com um número considerável de obras internacionais) no Museu Nacional de Arte Antiga.

Por outro lado, e para referir apenas aspectos consensuais, os surrealistas mantêm uma relação intensa com a escrita, especialmente com a poesia. Mais uma vez, evoco Mário Cesariny cuja obra poética tem reconhecimento crítico, tão importante e referencial como a obra plástica. Nos interstícios entre desenho e pintura e texto/poesia praticou-se amplamente o “cadáver esquisito” (*cadavre exquis* no original francês) como expressão poética grupal em que o acaso e a multi-autoria são um repto e uma afirmação. Finalmente, refira-se que, se todos os ciclos de vanguarda desde as últimas décadas do século XIX, geraram a incompreensão da “sociedade burguesa” que os artistas desprezavam, talvez tenham sido os surrealistas a levar esse confronto mais longe, praticando por vezes, ou em determinadas fases das respectivas carreiras, uma certa marginalidade. Ela relaciona-se também com a reivindicação da pulsão sexual no centro da vida e das práticas artísticas, naturalmente em confronto com as estruturas familiares dominantes e também com as religiões institucionalizadas. No entanto, um dos mais célebres e populares pintores surrealistas, Salvador Dalí quebrou, com arrogância, estes credos e compromissos, resolvendo explorar a sociedade capitalista através de uma produção para mercado. Foi então que Breton, proclamando o seu desprezo por essa rentabilização do talento o crismou de «Avida Dollars» trocando a ordem das letras do nome «Salvador Dalí», jogo surrealista por excelência, inteligente e perverso como quase sempre foram.

O SURREALISMO EM PORTUGAL

PINTAR O SETE

Voltar ao fim.

Pintar três vezes o sete:

ficar doído

Mário Cesariny, 1958¹²

O Surrealismo em Portugal tem ampla e qualificada bibliografia, produzida, em primeiro lugar, por alguns dos primeiros surrealistas, entre eles José-Augusto França e Mário Cesariny que tenho vindo sistematicamente a citar porque ele quis ser e foi o surrealista por excelência¹³. Assim, para enquadrar este catálogo, vou limitar-me ao enunciado de alguns tópicos que deixam de lado os antecedentes próximos do movimento, ao longo da década de 1930, sobretudo através de obras de António Pedro (com enquadramento teórico via Paris) e de Júlio, neste caso sem nenhuma associação à teoria ou referências internacionais do Surrealismo e, desde 1939, de António Dacosta que absorve os reptos internacionais (que conheceu via António Pedro) e constrói uma pessoal reflexão sobre o “tempo de guerra” que então se vivia, entre a Guerra Civil de Espanha e o início da Segunda Guerra Mundial.

Como movimento, o Grupo Surrealista nasceu no imediato pós-guerra, mais precisamente em 1947, resultado de intensa actividade grupal, mas também da necessidade de demarcação em relação ao movimento neo-realista, comprometido com o objectivo, de matriz soviética, de criar uma arte para o povo. Pelo contrário, os surrealistas consideravam que não há arte revolucionária ao serviço

de objectivos políticos restritos, mas tão só da plena expressão da imaginação e das contradições da vida social. O confronto entre surrealistas e neo-realistas estalou em 1948, quando os primeiros resolvem retirar as obras enviadas à III Exposição de Artes Plásticas, na SNBA, por não aceitarem a censura prévia imposta pela PIDE. Veio depois, com estrondo, a já adivinhável ruptura do próprio bloco surrealista: entre José-Augusto França (acompanhado por António Pedro, Dacosta, Vespeira e Fernando Azevedo) e Mário Cesariny (com Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, entre outros).

Sintetizando, poder-se-á afirmar que para França e os seus amigos, o Surrealismo foi sobretudo um modo de questionar as funções da pintura, enquanto para Cesariny, o surrealismo era uma espécie de imagem espelhante de si mesmo, aparentemente mais interessado na vida do que na construção da História da Arte que profundamente desprezava, nos seus aspectos institucionais. No entanto, para uns e outros, o surrealismo nunca deixou de ser o compromisso apontado nas epígrafes deste texto: um compromisso com a “emoção poética” e a “liberdade”.

Todavia, à distância da História, é indispensável pensar noutros artistas que confrontaram o individualismo do surrealismo, como Júlio Pomar, líder do Neo-realismo nos anos de 1940, quando foi militante comunista; ou que nunca alinharam em atitudes doutrinárias, como o escultor Jorge Vieira ou o Grupo Independente do Porto de que Fernando Lanhas foi a figura referencial, mas também Vieira da Silva e Arpad Szenes que, na década de 1930, viveram e trabalharam vários anos em Lisboa. Estes artistas e outros desenvolveram mais tarde (para lá do tempo do Surrealismo histórico) relações interessantes e produtivas com os temas surrealistas. Esta reflexão foi o ponto de partida da exposição *A partir do Surrealismo....*

¹² Publicado in Mário Cesariny, *Alguns mitos maiores. Alguns mitos menores*. Edição Gráfica Portuguesa, 1958.

¹³ Não sendo este o lugar de elaborar uma bibliografia extensiva sobre o tema, volto a remeter para a obra mais exaustiva e actualizada: María Jesús Ávila; Perfecto E. Quadrado, *Surrealismo em Portugal 1934-1952*. Lisboa, Museu do Chiado, Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2001.

A P A R T I R D O S U R R E A L I S M O

Em relação aos artistas que, nos anos de 1930-40, participaram no Surrealismo histórico, a Coleção conta com a presença de alguns: Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny, Vespeira, Dacosta e Carlos Calvet.

No entanto, as obras que os representam, são posteriores a esse tempo fundador a que só Cruzeiro Seixas e Cesariny ficaram militantemente fiéis. Quanto a Calvet, as obras relacionam-se com uma complexa influência da *Pop Art*, embora alguma coisa do onirismo e dos “des sentidos” surrealistas envolva esses fragmentos de coisas fantasmaticamente ampliadas, espécie de cenas cosmopolitas e estranhamente metafísicas. Também no caso de Vespeira, as duas composições *Sem título* marcam, nos anos de 1960, a sua distância máxima em relação ao surrealismo da juventude, mas *Alado sementeiro das memórias* de 1987, mantendo-se no domínio do abstracionismo lírico, retorna compulsivamente a sugestões viscerais e sexuais que caracterizaram a sua pintura surrealista. Diverso é, aparentemente, o caso de Dacosta, talvez o primeiro e mais consistente pintor surrealista português que se afirma no final dos anos de 1930, antes da formalização do surrealismo enquanto movimento. Depois desse período fulgurante, partiria para Paris em 1947 e, durante mais de três décadas pouco pintou. Quando regressou, com o “Regresso à Pintura” dos anos de 1980, a sua pintura ganha uma narratividade mais antropológica, geográfica e filosófica do que propriamente surrealista. Nunca se reivindicou herdeiro do surrealismo, mas a verdade é que, na primeira fase da sua carreira, fizera o mesmo. O seu peculiar “realismo mágico” mergulha

numa espécie de inconsciente colectivo, ancorado na magia dos sítios (especialmente a sua Ilha Terceira, nos Açores), questões que são centrais da reflexão surrealista.

Os outros artistas que foram escolhidos para esta exposição nunca se cruzaram com o Surrealismo histórico e não gostariam de ser tratados como surrealistas. No entanto, em relação a Eduardo Luiz é difícil dar-lhe outra designação. Pintor solitário, que desenvolveu a sua produção a partir de França, a Coleção não possui obras das primeiras fases da sua carreira que manifestam influências diversas e linhas de pesquisa muito interessantes. O que existe é de grande qualidade e manifesta a cristalização da sua poética numa recriação de um dos temas mais caros ao surrealismo, o *trompe l'oeil*, desenvolvido, sob o impacto da obra do belga René Magritte. Para ele, o *trompe-l'oeil* não é o jogo anedótico entre o que vemos (ou queremos ver) e a realidade mas construções mais densas sobre a capacidade narrativa da pintura, valorizando os signos visuais. As pregas, os tropeções, as contradições e a ironia cerebral que utiliza, tudo isso é o “próprio” do Surrealismo que, antes dele, Arcimboldo amplamente explorou.

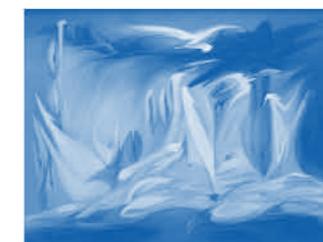
Restam duas artistas vivas e em plena produção: Graça Morais e Paula Rego que não são evidentemente artistas surrealistas. Mas o modo como elas trabalham as memórias da sua biografia (a real e inventada), se interessam por se ligarem não só a si mesmas mas a comunidades de vida (de que a família é o núcleo estruturador ou desestruturador) e reivindicam um olhar e uma arte no feminino, nomeadamente na reivindicação da sexualidade, aproximam estas pintoras das questões surrealistas. E ainda que os artistas surrealistas não pertençam ao olimpo artístico nem de uma nem de outra, as heranças existem, circulam e soltam-se.

Os acasos da vida bastante casual desta Coleção permitiram que ela crescesse muito recentemente com obras de Graça Morais e Paula Rego que enriqueceram os núcleos anteriores com obras de grande qualidade e terão de ser consideradas em futuras reflexões globais sobre elas. É o caso, em relação a Graça Morais, de *Minotauro*, representação violenta e icónica de algumas das suas linhas de pesquisa de que o desenho é enfoque preponderante. Ou, em relação a Paula Rego, também dois importantes desenhos: um deles, *Seamstress* com um gosto descritivo naturalista que estabelece um contraste exuberante com outro que narra uma das extraordinárias histórias “à Rego” onde nada é o que parece ser, como os Surrealistas programaticamente reivindicaram.

No entanto, a obra mais importante de Paula Rego da Coleção continua a ser uma pequena tela, do início da sua carreira, que gostamos de designar por *Anjo*. Suave, azul e misteriosa como os anjos são, mesmo em contexto do inquérito surrealista.

Raquel Henriques da Silva

Carcavelos, 1 de Julho de 2017



C R U Z E I R O S E I X A S

(1 9 2 0)

À excepção da tapeçaria *Balança* datada de 1993, as três pinturas de Cruzeiro Seixas da Colecção Millennium bcp, foram realizadas nos primeiros anos da década de 1970, época especialmente activa do que se poderá considerar uma “segunda fase” da obra deste pintor, caracterizada pelo trabalho em grande proximidade com Mário Cesariny. Com ele expõe na Galeria Divulgação no Porto, em 1967, e com ele organiza, em 1971, o livro *Reimpressos Cinco Textos de Surrealistas em Português*. É em conjunto também que Seixas e Cesariny participam em exposições surrealistas internacionais, especialmente a de Haia, Holanda, em 1969. Finalmente recorde-se que, entre 1967 e 1969, Seixas beneficia de uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris.

As pinturas da Colecção Millennium bcp permitem verificar esse tempo de consistente consolidação poética, reiterando as paisagens oníricas cuja matriz se referencia em Salvador Dalí: geografias imaginárias cristalizadas, onde tudo se funde em tudo, através de figuras de invenção ondulatórias e elegantes. Tanto em *Paisagem propiciatória* como em *Consagração do instante* há uma sugestão optimista de dentro e fora que abre ao humano a possibilidade da viagem.

Mas a obra mais interessante do conjunto é sem dúvida a mais antiga, *Atravessando este mar negro* de 1970 que deve ser considerada uma das obras-primas da Colecção Millennium bcp. (RHS)



O título desta pintura não pode deixar de sugerir que Cruzeiro Seixas, entre 1951 e 1953, foi marinheiro, tendo viajado pela Índia e Extremo Oriente, antes de se fixar, durante uma década, em Luanda, de onde regressou, definitivamente a Portugal, em 1964. Viajou portanto longa e alargadamente e é possível que este “mar negro” pintado evoque essa situação.

Mas, como impenitente surrealista, a eventual marca biográfica é rasurada pela via da imaginação solta. Pode então evocar-se a *Criação de Adão* de Miguel Ângelo, na Capela Sistina. Do lado esquerdo, parece surgir uma grande mão que, no entanto, ao aproximar-se da mão estendida do homem na sombra, se converte

à sua dimensão humana e expectante. Mas o mais interessante nesta obra rara é o geometrizar de memória cubista dos motivos, muito estranha à linha ondulante, daliniana, que Cruzeiro sistematicamente usava no desenho e na pintura, como bem manifestam, as outras obras da Coleção.

Por outro lado, há alguma coisa de cartazístico na grande mão que parece sugerir o geometrismo *Pop* e metafísico de Carlos Calvet desses anos. Esses valores expressivos marcam também as esferas, a que emerge da água e a que se solta, com as mesmas cores, no negrume do céu ou do outro lado do “mar negro”, bem como o cubo decomposto do canto inferior esquerdo (RHS)

Atravessando este mar negro, 1970

Óleo s/platex, 88.5 x 128.5 cm
Ass. ct. inf. esq.: Cruzeiro Seixas
N ° inv.: 1096350

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Português do Atlântico, em 1995.

Exposições

Estoril, 2010.



Paisagem propiciatória, 1973

Óleo s/papel, 96 x 75 cm
Ass. e dat. ct.inf.esq.: Cruzeiro Seixas
1974
N ° inv.: 1158990

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Português do Atlântico, em 1995.



Consagração do instante, 1974

Óleo s/cartão, 75.5 x 95 cm
Ass. e dat. ct. inf. esq.: Cruzeiro Seixas
1974
N ° inv.: 1158991

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Português
do Atlântico, em 1995.

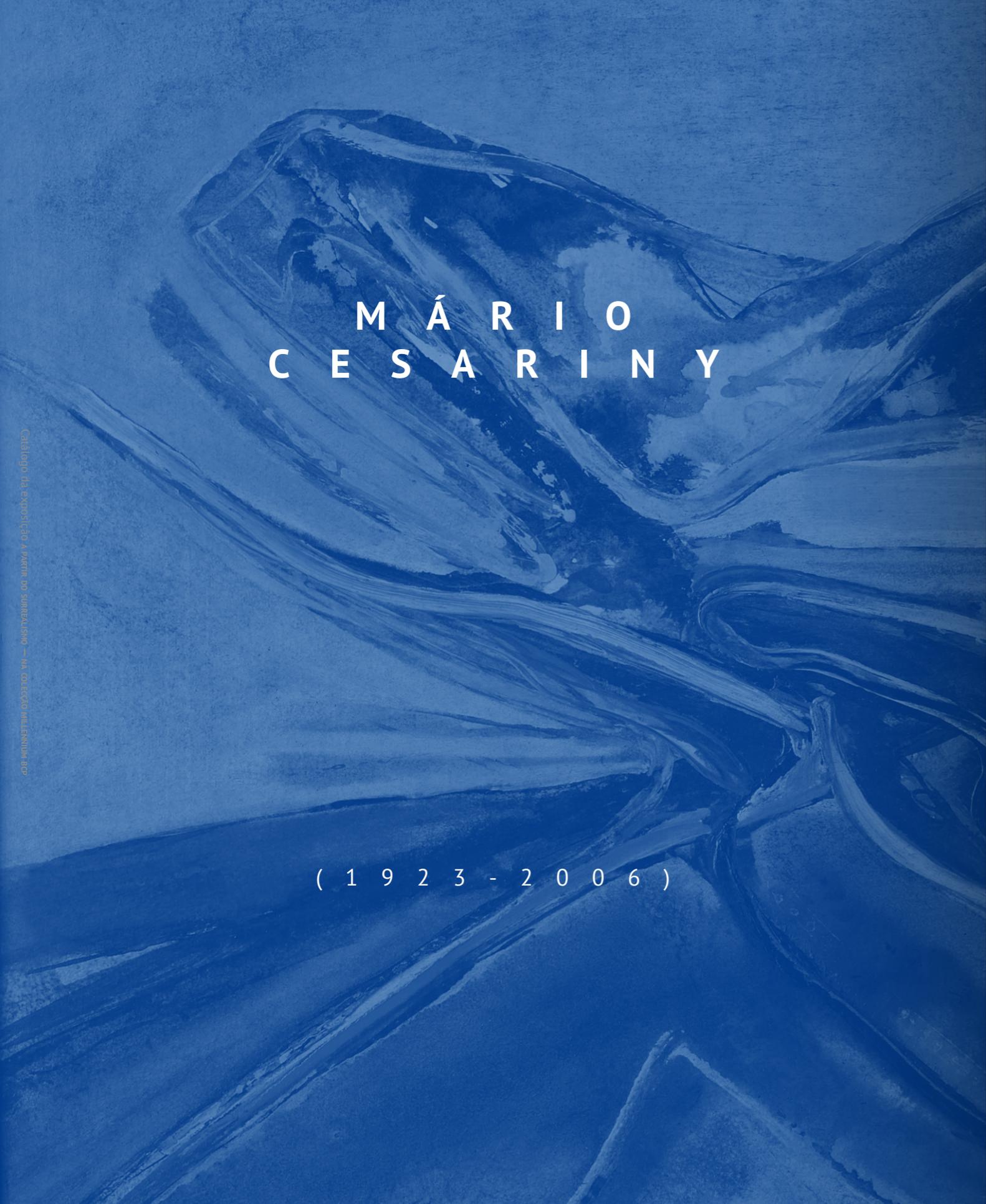


Balança, 1993

Tapeçaria, 169 x 250 cm
Manufatura de Tapeçarias de Portalegre
N ° inv.: 169733

Exposições

Luxemburgo, 2010; Aveiro, 2012;
Bragança, 2012.



MÁRIO
CESARINY

(1 9 2 3 - 2 0 0 6)

Personalidade maior da cultura portuguesa da segunda metade do século XX, Cesariny foi o mais militante e o mais convicto dos artistas surrealistas portugueses. Espírito livre e rebelde, o surrealismo foi para ele visceralmente um modo de vida: o primado à imaginação, o desprezo pelas convenções, o entendimento da pintura e da poesia como componentes indissociáveis de criação, o desejo de gerar e alimentar redes internacionais com quem partilhava o entendimento do surrealismo total, envolvendo a vida e a arte.

Fazia parte do seu modo de estar e criar, algum desprezo pela obra acabada e pela ambição dos grandes e continuados projectos. Por isso, nas artes plásticas, a sua produção, marcada por grande inventividade e experimentalismo técnico, é irregular até adquirir uma espécie de esplendor a partir dos anos de 1970, acompanhada de reconhecimento crítico assinalável.

Neste contexto, as três pinturas da Coleção Millennium bcp possuem indiscutível importância. As duas primeiras, dos anos de 1970, são variantes de uma espécie de motivo comum: a representação de um vórtice que se dobra sobre si próprio ou se abre como desejo de movimento, capaz de sugerir um pássaro ou apenas a vontade do voo. A consubstancialidade que a poesia tem em toda a obra de Cesariny, transborda naturalmente para a pintura: as cores/ formas, como palavras ou versos, criam ritmos e rimas que se bastam a si mesmas numa orquestração expressiva. Vale a pena citar o seu amigo Cruzeiro Seixas com quem muito trabalhou, primeiro nos anos de 1940 e depois na década de 1970 a que pertencem duas obras deste conjunto:

“Na pintura de Mário Cesariny, as personagens viajam-se; por toda a parte há a promessa de aves marinhas, de amantes imaginários, de imaginários combates e vitórias. Por toda a parte há a tensão necessária para que o homem renasça, e os barcos soltos no espaço se colem ao seu peito, febris”¹. (RHS)

¹ Cruzeiro Seixas “Mário Cesariny na Galeria S. Mamede” 1969 in *Mário Cesariny*. Catálogo de exposição comissariada por João Pinharanda. Lisboa, edp, 2005, p. 247.

**Sem título, 1970**

Óleo e tinta da china s/papel colado
s/ tela, 48 x 62 cm
Ass. ct. inf. drt.: Cesariny
N ° inv.: 1136462AB

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Pinto
& Sotto Mayor, em 2000.

Exposições

Lisboa, 2010.

Bibliografia

RUIVO, 2010, p. 81.

**Sem título, 1973**

Óleo s/ tela, 50.3 x 65.3 cm
Ass. e dat. ct. inf. esc.: Cesariny 73
N ° inv.: 1097393

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Pinto
& Sotto Mayor, em 2000.

Exposições

Lisboa 2009-2012.

Bibliografia

SILVA, 2009, 42.



Cesariny teve uma visão da história da pintura portuguesa do século XX com que alimentou muitas polémicas e provocações. No entanto, há pelo menos dois tópicos de grande pertinência: o lugar de Amadeo de Souza-Cardoso, que sempre relacionou com o movimento do *Orpheu*, e o enfoque que, desde 1952, dirigiu a Vieira da Silva. Tornar-se-iam amigos com uma intensidade que envolveu também Arpad Szenes, marido da pintora. Como bem afirma João Pinharanda, Arpad foi importantíssimo para Cesariny, pela sua gentileza e qualidade humana mas também pela sua pintura. Vale a pena citá-lo:

“É facto que Cesariny desenvolveu em torno da obra pictórica de Vieira, o essencial do seu discurso escrito, na obra em questão (*Vieira da Silva, Arpad Szenes ou o Castelo Surrealista*, 1984) e na produção crítica publicada em jornais. Porém, olhada a obra pictórica de Cesariny, percebemos que deve pouco a Vieira em todas as suas fases, enquanto deve quase tudo a Arpad em especial nos períodos inicial e final”¹.

¹ João Pinharanda, “A Pintura raptada pela Poesia” in *Correspondência. Vieira da Silva por Mário Cesariny*. Lisboa, Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva/ Assírio & Alvim, 2008, p. 19.

Esta comovente obra, realizada em homenagem a Arpad, quando ele se encontrava já muito doente (morreria em 1985) pertence a uma das grandes séries de Mário Cesariny que ele designou “*As Linhas de Água*”, recriando, com paleta fortíssima e uma espécie de cristalização do risco, o gosto daquele pela horizontalidade dos motivos, alguns inspirados nas “Praias da Caparica” de Arpad dos anos de 1930. (RHS)

Homenagem a Arpad Szenes, 1984

Óleo s/ platex, 35.5 x 96.6 cm
Ass. (duas vezes) ct. inf. drt.: Cesariny
N.º inv.: 1180446

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português, em 2000.

“Se o universo fosse um grão de areia, poderia escorrer por entre os nossos dedos sem darmos por isso ...” C.C.

Carlos Calvet encontra-se representado com cinco pinturas da Coleção Millennium bcp.

Após uma fase inicial em que acusa um interesse particular pelo cubismo, Calvet aproxima-se do grupo *Os Surrealistas*, em cuja exposição participou em 1949, ao lado de Cesariny e Seixas. Neste período realiza *cadavre-exquis* e curtas-metragens, as únicas de atmosfera surrealista produzidas em Portugal e nas quais colaboram Cesariny e António Areal. A título exemplificativo refira-se o filme mais conhecido de C. Calvet, *Momentos na Vida do Poeta* (1964), tendo Cesariny como protagonista e a participação de João Rodrigues.

O seu reconhecimento na cena artística portuguesa acontece nos anos de 1960, precisamente quando a sua pintura envereda por um tipo de figuração conotada com a *Pop art*, associada a um singular paisagismo onírico e metafísico, o que se revelará uma constante na sua obra posterior.

A conjugação de várias valências - cinema, pintura (a que se dedica, em exclusivo, a partir de 1981), fotografia e também a escrita (recordem-se os seus artigos sobre geometria e simbolismo) - atesta a absoluta originalidade de Calvet, corporizada numa obra plástica sedutoramente experimental e questionante. Dominada por um impulso e uma tensão de desconstrução formal e espacial, a mesma é pautada por um profundo rigor técnico, jogo de volumes e de simetrias e pela incorporação de elementos geométricos e de objectos do quotidiano. (IOM)

C A R L O S
C A L V E T

(1 9 2 8 - 2 0 1 4)



Esta pintura ilustra a opção por uma via figurativa de tipo geometrizarante que alia uma realidade/capacidade interpretativa simultaneamente obscura e esotérica. Nela se reconhecem dois dedos de uma mão e uma caixa de fósforos, agigantados e operantes em favor de um desconcertante exercício formal e espacial, habilmente administrado - e equilibrado - pela técnica, numa composição visual de cromatismo tensionalmente vibrante (vermelho vivo e azul claro e escuro) em que tudo se harmoniza e remete para a “estética do cartazismo e da publicidade” (SILVA, 2009). (10M)

Sem título, 1969

Acrílico s/ tela, 137.7 x 198.5 cm
Ass. e dat. ct. inf.: C. Calvet 69
N.º inv.: 1099353

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Pinto & Sotto Mayor, em 2000.

Exposições

Lisboa, 2009-2012.

Bibliografia

SILVA, 2009, 52-53.



Numa clara apetência que remete para *um tudo querer captar/petrificar*, a construção de um espaço ambíguo e inusitado é conseguida, nesta pintura, com o recurso ao tratamento das formas perspectivadas como sólidos geométricos, com desenho rígido e cores lisas e intensas. A configuração surrealista faz-se notar através da introdução, no cenário pictórico, de manchas informes, não reconhecíveis - enquanto objectos concretos -, acentuando, assim, as fronteiras entre tensão real e tensão irreal. (JOM)

Sem título, 1971

Óleo s/ plateg, 120 x 120 cm
Ass. e dat. ct. inf. esq.: Carlos Calvet 71
N.º inv.: 1136480 [AB]

Historial

Pertencente ao Banco Comercial Português.



Sem título, 1972

Guache s/ papel, 30.4 x 48 cm
Ass. e dat. ct. inf. esq.: C. Calvet 72
N.º inv.: 1099812

Historial

Pertencente ao Banco Comercial Português.



A ilha da tesoura, 1987

Óleo s/ platex 85 x 105 cm
Ass. e dat. ct. inf. esq
N ° inv.: 1040350

Historial

Pertencente ao Banco Comercial
Português.



A caverna problemática, 1991

Acrílico s/ tela, 81.4 x 116.5 cm
Ass. e dat. ct. inf. esq.: C. Calvet 91
N ° inv.: 1099519

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Mello,
em 2000.

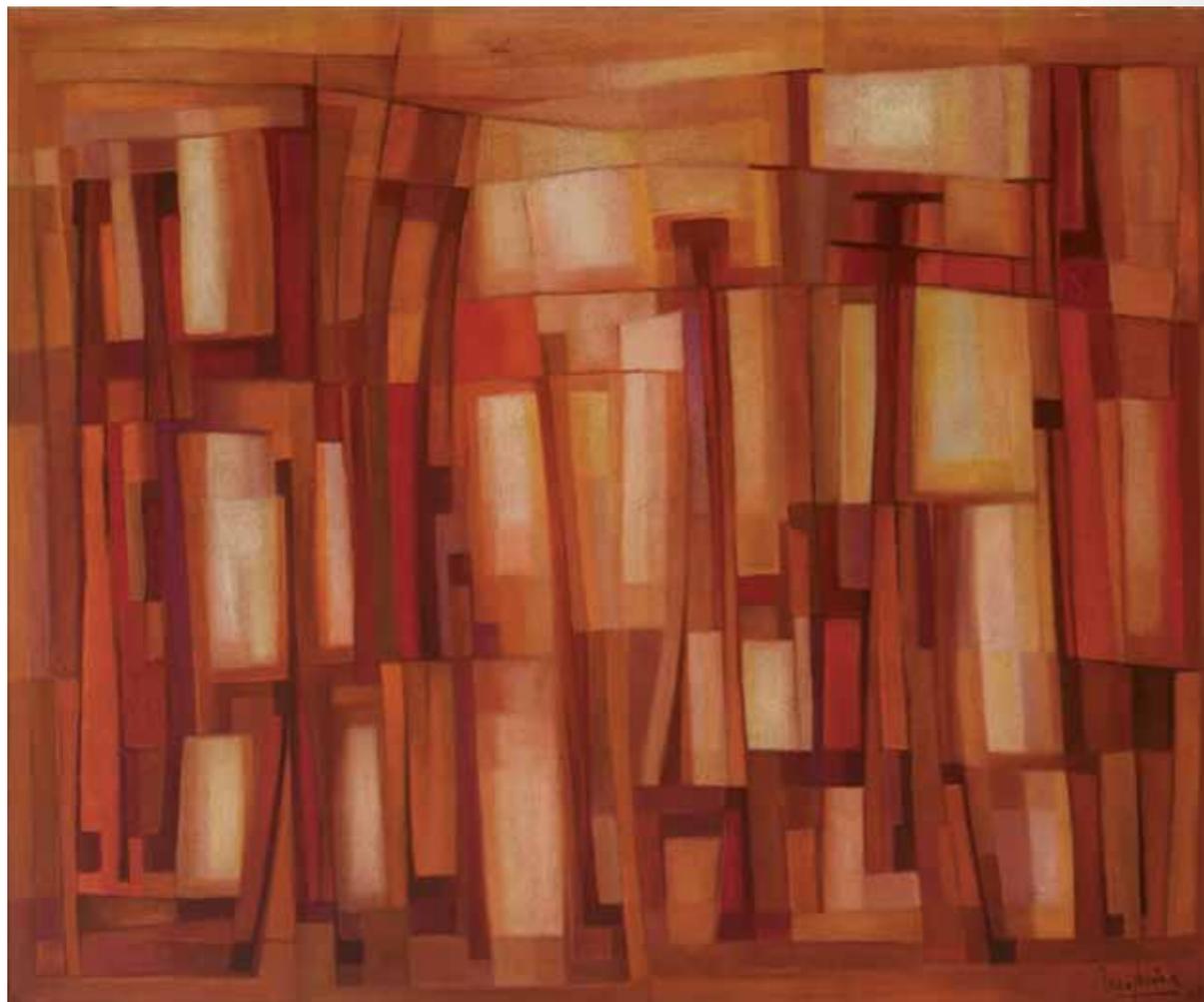
M A R C E L I N O V E S P E I R A

(1 9 2 5 - 2 0 0 2)

“uma linha do horizonte calma e sem ondas, e depois o mergulhar,
o apanhar coisas lá em baixo...” M.V.

Notabilizada pela sua versatilidade, a obra plástica de Marcelino Vespeira é marcada por uma contínua experimentação de expressões artísticas e técnicas, compreendendo uma fugaz incursão pelo neo-realismo, uma aproximação ao surrealismo - período durante o qual esteve ligado ao *Grupo Surrealista de Lisboa*, de que foi um dos fundadores -, uma curta passagem, nos anos 50, pelo abstraccionismo geométrico, a que sucede, nos anos 60, um interesse pelo informalismo gestual e, nos finais destes e no decurso dos anos 70 e 80, um retorno aos primeiros tempos surrealistas.

As três pinturas de Vespeira que integram a Colecção Millennium bcp correspondem a dois ciclos da sua produção artística. Um deles, no qual se enquadram as obras (*Sem título*, 1958) e (*Sem título - combinação de cores*, 1961), remete para uma fase que José-Augusto França designou como “espaço elástico”; e um outro ciclo, representado na Colecção com a tela *Alado sementeiro de memórias* (1987), que coincide com um período de regresso aos primeiros tempos experienciados no quadro do surrealismo, demarcado por uma gramática de notório carácter erótico. (JOM)



Sem título, 1958

Óleo s/ platex, 59.9 x 72.8 cm
Dat. pelo autor no ct. inf. dir.: 58
N ° inv.: 1096726



Esta pintura, de animada paleta, assinala no percurso artístico de Marcelino Vespeira a experiência de um espaço dominado pela mancha, pelo vigor da pintura.

A grafia ritmada e gestual, de tipo informalizante, transporta (-nos) para uma geografia 'expressionista' do

espontâneo que tem como fonte de inspiração os ritmos e as danças tribais que vivenciou em Moçambique (FRANÇA, 1973), mas também do Jazz, esse género musical quente e tantas vezes luminoso de que Vespeira era franco admirador. (JOM)

Sem título (combinação de cores), 1961

Óleo s/ platex 46 x 65 cm
Ass. e dat. ct. inf. dir.: Vespeira 61
N ° inv.: 1096981

Historial
Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Mello, em 2000.

Bibliografia
GRILLO, 1998.

Alado sementeiro de memórias, 1987

Óleo s/ tela, 96.8 x 129.3 cm
Ass. e dat. ct. inf. dir.: Vespeira 61
N.º inv.: 1099605



A N T Ó N I O
D A C O S T A

(1 9 1 4 - 1 9 9 0)

“Um dia voltei a pintar. A pintura sucedeu-me outra vez. Porquê? Porque há algo em mim contra o transitório, contra o periclitante e o real” - e prosseguiu - “Regressei porque senti uma nostalgia pessoal, a letargia em que caíra tornou-me decepcionante aos meus próprios olhos”. A.D.

As quatro pinturas de António Dacosta da Coleção Millennium bcp compõem um *corpus* coeso que coincide com o segundo período do seu percurso artístico, iniciado nos anos de 1980.

Altamente criativo e produtivo, o mesmo surge após um longo interregno de produção pictórica que durou 30 anos, tal não significando, contudo, uma verdadeira ruptura, já que seguia atento ao percurso de amigos e actualizado através da crítica de arte, actividade que exerceu desde 1941 até 1980.

No seu regresso à pintura revelou uma nítida preferência pelo universo das lendas e alusões à mitologia clássica, não deixando de evocar as memórias açorianas, uma etapa marcada por um tempo de profunda reflexão sobre a condição humana e o mundo, de que as pinturas *Senhora Antiga* (1986) e *Sereia* (1983) são bem ilustrativas.

Também o trabalho serial se assume nesta fase como marca distintiva, com o recurso a apontamentos iconográficos e sígnicos. Um dos temários mais recorrentes é a série *Fontes*, claro testemunho da transformação radical operada nestes anos na sua prática pictórica. (JOM)



Na primeira pintura da série *Fontes*, intitulada *Fonte de Sintra I* (1980), A.D. colocou a seguinte inscrição: «Saudades deste Sítio». Não se tratando de um lugar concreto, mas antes da evocação de uma memória ou de fragmentos dela, seduzia-o, como o próprio esclareceu, a «força das reminiscências nos signos mais simples». Estes intentos eram revelados quer pela incorporação

no fundo da tela de um “arabesco minimal” (ROSA-DIAS, 2015) que sempre surge representado nas pinturas que constituem a série *Fontes*, enquanto emblema/ registo identitário, quer pela introdução de elementos geometrizarantes que acentuam um exercício de fixação. Mas há em *Fonte de Sintra VIII* (1982), simultaneamente uma ideia de mistério... (JOM)

Fonte de Sintra VIII, 1982

Tinta acrílica s/ madeira, 53 x 91 cm
Ass. ct. inf. drt.: A. Dacosta
N ° inv.: 1093762

Historial

Pertencente ao Banco Comercial Português.

Exposições

Lisboa, 1988; Porto, 1988;
Pontevedra, 1988.



Sereia, 1983

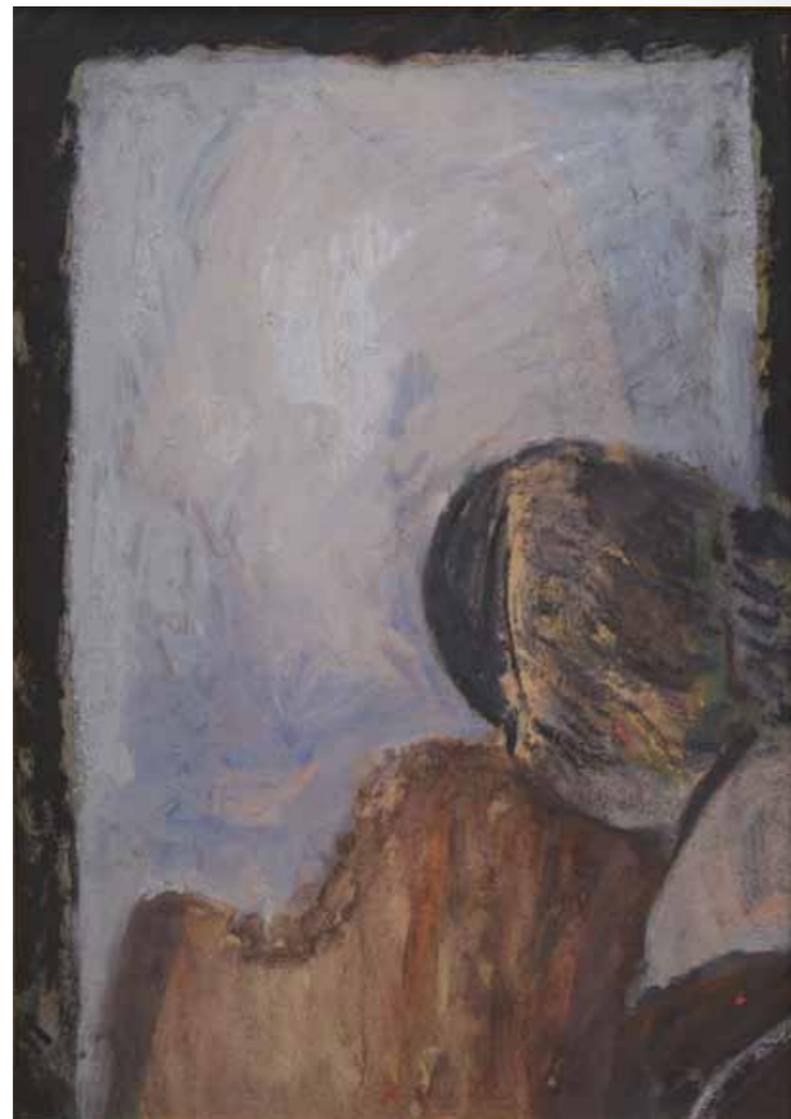
Tinta acrílica s/ tela, 89 x 116 cm
Ass. ct. inf. drt.: A. Dacosta
N ° inv.: 1094697 [AB]

Historial

Pertencente ao Banco Comercial Português.

Exposições

Lisboa, 1988; Porto, 2006; Lisboa, 2009-2012; Lisboa, 2015.

**Senhora Antiga, 1986 (data atribuída)**

Tinta acrílica s/ platex, 61 x 44.5 cm
Ass. ao centro: A. Dacosta
N.º inv.: 1106428

Historial

Pertencente ao Banco Comercial Português.

Exposições

Lisboa, 1988.

**Coração, 1987 (data atribuída)**

Óleo s/ platex, 32.6 x 30 cm
Ass. ct. sup. drt.: A. Dacosta
N.º inv.: 1097818 [AB]

Historial

Pertencente ao Banco Comercial Português.

Exposições

Lisboa, 1988; Coimbra, 2011; Guimarães, 2012; Cascais, 2012; Famalicão, 2013.

E D U A R D O L U I Z

(1 9 3 2 - 1 9 8 8)

Figura de extrema originalidade na pintura portuguesa, Eduardo Luiz desenvolveu o essencial da sua carreira em França, a partir de 1958. Apaixonado pela história da pintura europeia e por algumas das personalidades mais marcantes dos ciclos dos classicismos, cultivou e aprofundou o “próprio da pintura”, em primeiro lugar em termos técnicos, usando o óleo com perícia meticulosa, como se fosse uma pele natural das coisas, mas mais lisa, mais brilhante e mais bela do que uma pele verdadeira. Mas também em relação aos motivos e temas da pintura, ele foi igualmente exigente e metucioso, jogando com a narratividade dos títulos para curto circuitar sentidos e expectativas. Sob este aspecto, são evidentes as suas ligações com as poéticas surrealistas, especialmente no que se relaciona com o uso da ironia, os sentidos múltiplos da palavra e da frase e as pregas de entendimento geradas com os objectos pintados.

As cinco obras que compõem a sua representação na Coleção Millennium bcp integram-se com clareza nestes pressupostos, embora a mais antiga (*Sem título*, 1967) aponte predominantemente um lugar de indagação e experiência, com considerável acuidade plástica, mas sem a densidade retórica das restantes. (RHS)

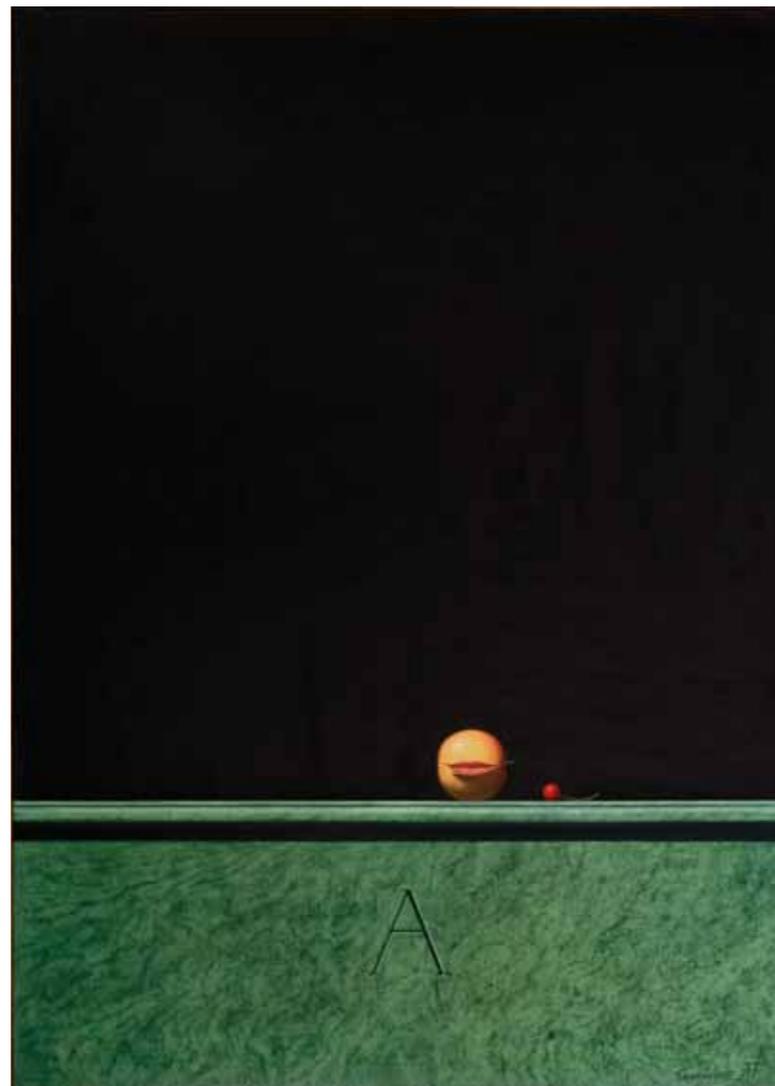


Sem título, 1967

Óleo s/ tela, 96.5 x 130.5 cm
Ass. e dat. ct. inf. dir.: Eduardo Luiz 67
N ° inv.: 1007524

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Português
do Atlântico, em 1995.



Arcimboldo, pintor renascentista, italiano de origem mas que trabalhou em Praga, foi um dos pintores de culto de Eduardo Luiz. Tinham em comum o gosto pelo paradoxo, modo de sugerir a complexidade do real que a ciência só parcialmente pode explicar.

Ironizando as práticas de Arcimboldo sobre o tema da natureza morta que lhe serve para inventar rostos humanos, E. Luiz representa-o como um fresco fruto

redondo, talvez uma laranja, utilizando a delicada folha para mimetizar o "sorriso". Ao lado, o redondo breve de uma cereja, pousada, tal como o fruto-rosto, sobre uma balastrada de rebordo verde, marcada, centralmente, pela letra A do nome do pintor homenageado. O intenso negro do fundo acentua a magia e a estranheza da representação. (RHS)

Un sourire pour Arcimboldo, 1977

Óleo s/ tela, 100.2 x 73 cm
Ass. e dat. ct. inf. dir.: Eduardo Luiz 77
N ° inv.: 1046147

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Português
do Atlântico, em 1995.

Os acasos que foram compondo a colecção Millennium bcp, permitem-nos pôr, par a par, duas homenagens a pintores do passado: Arcimboldo do século XVI e Rembrandt do século XVII.

Em ambas, Eduardo Luiz utiliza uma extrema economia de meios e as mesmas opções cromáticas. A composição restringe-se, nos dois casos, à sugestão de uma balaustrada verde (que pode ser de um móvel ou de um painel de parede) que ocupa o terço inferior do suporte sobre um fundo negro integral. Ao "sorriso" de Arcimboldo, representado pela folha de uma laranja, corresponde, em *Mort de Rembrandt*, um tubo de tinta a óleo que escorre o seu conteúdo de um vermelho intenso.

É o título que constitui o repto à nossa leitura: porquê representar a "morte" do grande pintor holandês por um tubo de tinta a óleo, recurso técnico que não existia no seu tempo, quando as cores eram, todos os dias, fabricadas no atelier? E porquê o vermelho? Porque mimetiza a ideia de morte ou porque evoca uma cor raramente empregue pelo pintor de tons suaves e cambiantes de castanhos e ouros?

Não há resposta para estas ou outras questões, abertas pela provocação de Eduardo Luiz que joga infundavelmente os abismos e as pregas entre palavras escritas e imagens pintadas. Para prolongar as não respostas, resta enfatizar o nome legível do tubo de tinta a óleo... (RHS)



Mort de Rembrandt, 1985

Óleo s/ tela, 114.2 x 162.5 cm
Ass. e dat. ct. inf. dir.: EL 85
N.º inv.: 1007524

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Português do Atlântico, em 1995.

Exposições

Lisboa, 2009-2012.

Bibliografia

SILVA, 2009, 58.



Asteroïdes, 1985

Óleo s/ tela, 100 x 64.9 cm
Ass. e dat. ct. inf. esq.: EL 85
N ° inv.: 1106505AB



Crucificação, 1986

Óleo s/ tela, 195.2 x 97.2 cm
Ass. e dat. ct. inf. esq.: EL 86
N ° inv.: 1090584

G R A Ç A M O R A I S

(1 9 4 8)

As oito obras de Graça Morais que compõem a sua representação na Coleção possuem uma consistente unidade. Integram um ciclo essencial na definição da poética da autora, marcado pela representação do humano através da evocação da vida, das paisagens e das gentes da sua terra natal, a aldeia de Vieiro, no distrito de Bragança, em Trás-os-Montes. Esta linha de trabalho imperiosa data do início dos anos de 1980 e espraia-se, ao longo dessa década e da seguinte, com maturidade crescente. A par da diversidade dos motivos, interessa realçar também a diversidade das técnicas, nomeadamente o contraste eficaz entre as obras onde a tela se dá a ver - na sua materialidade, bem como no desenho que se abre à pintura - e outras, em que a densidade da tinta se acelera, assumindo-se como recurso compositivo determinante.

Fortemente ancorada numa visão antropológica, tecida de determinação e de memórias que recuam à infância, Graça Morais narra histórias a partir da realidade mas que dela imediatamente se distanciam, intuindo quanto as práticas do quotidiano da vida aldeã, marcada pela pobreza e a repetição, possuem uma extraordinária carga de sobrerrealidade. Para sugerir os silêncios, os medos e a religiosidade das gentes, Graça utiliza, como um dos principais recursos, a figura da metamorfose, entrosando, em figuras complexas, homens e bichos. Trata-se de uma estilística que os surrealistas amplamente utilizaram mas que recua às pinturas do Paleolítico europeu e se mantém e reactualiza, nos ciclos artísticos do românico e do barroco. (RHS)



Sem título, 1986

Pastel, colagem e carvão s/ papel,
54,5 x 73,5 cm
Dat. cat. inf.: 16.4.86
N ° inv.: 1046146AB

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Português
do Atlântico, em 1995.



O espírito do amor autêntico, 1987

Óleo s/ tela, 100,4 x 81,3 cm
Ass. e dat. ao centro Graça Morais
N ° inv.: 1104430

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Português
do Atlântico, em 1995.

Exposições

Porto, 2010-2011.

Esta enigmática pintura permite verificar a importância de dispositivos característicos da poética surrealista na obra de uma pintora contemporânea que nunca dela se reivindicou. Destaque-se sobretudo o entrosamento da figura da ave com o rosto da figura suspensa à direita na composição. A outra, inscrita no extremo oposto com um perfil de máscara, recebe, impávida, o adejar das patas do grande bicho.

O esplendor da matéria da pintura dinamiza o fundo e abre-o em profundidade. Pressentimos um lugar sem geografia precisa, e história de enredo perdido que

não seguram a interpretação porque a narrativa possui a volatilidade inquietante do sonho. No entanto, já depois de escrever este pequeno texto, em conversa com a pintora, ela disse-me que a figura principal é a sua mãe, que a ave é uma perdiz e que o quadro evoca as brincadeiras dos seis filhos de Alda (entre eles, Graça) nos dias a seguir às festas da aldeia. Nas mãos, ela segura um apito de barro que as crianças tocavam ininterruptamente até o partirem. Esta comovente leitura clarifica a suspensão de sentidos que antes evoquei, densificando o seu carácter onírico. (RHS)



Sem título, 1988

Técnica mista s/tela, 90.4 x 147 cm
Ass. e dat. ct. sup. dir.: Graça Morais 1988
N ° inv.: 1046146

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Comercial de Macau, em 1996.

A mulher camponesa ocupa um lugar central na iconografia antropológica de Graça Morais, representando o espírito da aldeia que é também o da casa e da família. Nesta pintura, a artista pinta-a grisalha e envolvida num manto da mesma cor, sugerindo a força do passado e o sofrimento de uma existência devotada à sobrevivência do agregado. O seu olhar é esquivo e introspectivo, como quem recusa a honra da centralidade. Com gestos de afecto, Graça dispõe-lhe à volta, como quem ergue um altar ou arruma gavetas, símbolos e utensílios próprios de uma feminilidade

que não ignora o amor. Guardado talvez na caixa com bordados de Viana do Castelo em forma de coração. Muitos deles evocam brinquedos de menina da pintora, na casa familiar.

A quase ausência de cor numa tela destas dimensões caracteriza uma linha de trabalho da autora que ama a cor natural da tela como expressividade em si mesma enfatizando-a pelo deslizar ondulante do traço de carvão. (RHS)



A rainha pacífica, 1992

Técnica mista s/ tela, 165 x 200 cm
Ass. e dat. na frente: Graça Morais 1992
N.º inv.: 1006792AB

Historial

Adquirida para o Banco Comercial Português na Galeria 111, Lisboa.

Exposições

Kimberly Gallery, Washington, 1992.



Esta obra integra uma série fundamental para a definição da poética de Graça Morais, no âmbito da qual são definidas iconografias míticas, com ressonâncias complexas com a realidade da aldeia de Vieiro, sua terra natal. Trata-se de um processo plástico de grande originalidade e envolvimento pessoal que possui articulações interessantes com o realismo mágico da literatura sul americana. Mas há também recriação de influências vindas do mundo da arte: neste caso, é possível detectar na figura, uma espécie de minotauro, a memória de Picasso que, através de Guernica, determinara outro ciclo de pinturas do início dos anos de 1980.

Mapas e espírito da oliveira, 1984

Óleo, pastel, grafite e carvão s/ tela,
140 x 140 cm
Ass. e dat. ct. sup. esq.: Graça Morais 1984

Historial

Pertenceu à colecção de José Pedro Paço d'Arcos.

Figura mítica, bicho, homem e mulher, incorporando no corpo primitivo uma força que se exhibe, este minotauro tem, no entanto, o lugar do sexo velado por um botão de rosa, emergindo de inesperada jarra. Há uma marca feminina nesta fina ironia, perpassada de incertezas.

Mas interessa também atentar na concretização técnica desta poderosa pintura construída a partir de valores expressivos de desenho, procedimento que é uma marca autoral da pintora. (RHS)



Sem título, 1987

Acrílico, grafite e tinta sépia s/ tela,
102 x 153 cm
Ass. e dat. em baixo à dir.: G M. Londres
1987

Historial

Pertenceu à colecção de José Pedro Paço d'Arcos.



Cântico triunfal, 1992

Acrílico e carvão s/ tela, 165 x 200 cm
Ass. e dat. em baixo ao centro: Graça Morais 1992

Historial

Pertenceu à colecção de José Pedro Paço d'Arcos.



O sagrado e o profano, 1999

Tapeçaria, 195 x 267 cm
Manufactura de Tapeçarias de Portalegre
N.º inv.: PS0000059213

Observações

A tapeçaria foi realizada a partir de uma pintura com o mesmo título, acrílico sobre tela, 158 x 218 cm, reproduzida no catálogo Graça Morais. Uma Antologia, 2013, p. 215.

Exposições

Luxemburgo, 2010; Aveiro, 2012; Bragança, 2012.

Bibliografia
AA.VV., 2011.



PAULA
REGO

(1 9 3 5)

Pintora naturalizada inglesa, Paula Rego sempre assumiu e cultivou a sua ascendência portuguesa, sobretudo as vivências da infância solitária quando perscrutava nos adultos segredos e particularidades, colecionando uma multiplicidade de histórias que marcarão definitivamente o seu imaginário. Mas serão as crianças (bem como os seus animais-brinquedos) as figuras-ícones fundamentais da poética da artista.

No conjunto de pinturas de Paula da Coleção Millennium bcp, as mais interessantes são as mais antigas, quer pela qualidade estética, quer pelo valor testemunhal sobre o início da sua carreira. Do ponto de vista técnico, caracterizam-se pelo uso extensivo da colagem. Em todas elas, deparamos com um universo de forte expressão surreal que, sem ligação com o surrealismo enquanto movimento histórico, conserva e amplia os seus principais caracteres: a opção pela figuração, o automatismo, as sobreposições, os des-sentidos, a energia da imaginação, o gosto do desenho, a pulsão sexual como motor e explicitação da vida. Com o surrealismo ela partilha também o que talvez seja a sua mais determinante marca autoral: a feroz autonomia, a ausência de ligação a grupos ou tendências, uma displicência determinada em relação a modas e as expectativas. Sempre inconveniente, sempre provocatória e sempre imensamente solitária. (RHS)

Como já considerou Ana Ruivo (RUIVO, 2010) esta é uma obra peculiar na produção de Paula Rego que ensaiava então, por volta de 1960, a definição de um estilo próprio. Óleo sobre papel, como outros trabalhos deste período (ALFARO; OLIVEIRA, 2014: 151-163) distingue-se claramente deles pela inteireza dos motivos e das cores que possuem uma espécie de ordem e de controlo, muito distintos do teor visceral, riscado e sujo predominantes noutras obras.

No entanto, a decifração da cena não é evidente. Ana Ruivo sugeriu que se possa tratar de um anjo da Anunciação ou de Ícaro, tendo em conta a asa que se

alarga no lado esquerdo da composição. A figura estará dobrada sobre si mesma. E do lado direito, o que temos? Um búzio, um animal marinho? E será céu ou mar, o luminoso fundo? Muito próxima da dimensão surreal do quotidiano, Paula amplia-a ao seu próprio processo de trabalho, marcado por automatismos e questões sem resposta ou vice-versa.

Embora esta obra nunca tenha sido exposta, fora do âmbito da Colecção Millenium bcp, quando recentemente foi mostrada à autora, ela reconheceu-a de imediato. De facto assinou-a e datou-o no verso da tela, como muitas vezes fazia e continua a fazer. (RHS)



Sem título, 1960

Óleo e papel s/ tela, 50.5 x 64.5 cm
Ass. e dat. no verso da tela: Paula Rego
1960
N ° inv.: 1097383

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Português do Atlântico, em 1995.

Exposições

Vila Nova de Gaia, 2010-2011;
Lisboa, 2010; Oeiras, 2011.

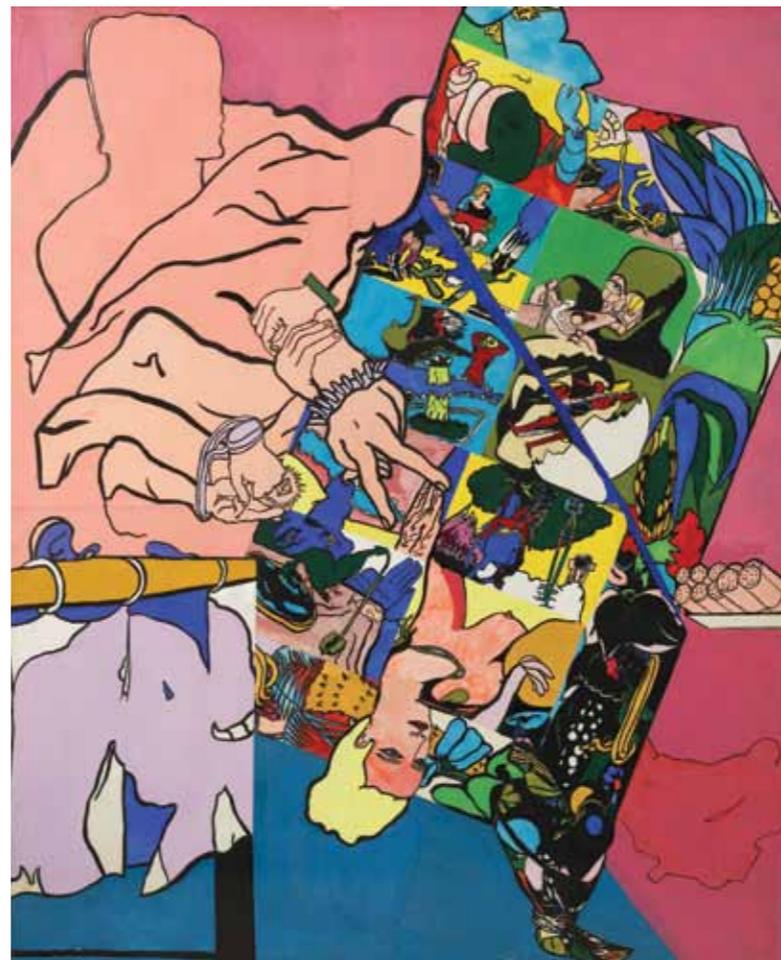
Bibliografia

RUIVO, 2010, 84-85.

O título desta obra não resolve, antes densifica, a sua não-decifração. Nesta década fulgurante, em que Paula Rego é reconhecida em Portugal e participa na cena artística de Londres, esta será uma das primeiras vezes em que recorre à cultura tradicional portuguesa para dar título a uma obra. De facto, é impossível não pensar que este “Lenço dos Amores” foi inspirado, na sua designação, por um “lenço de namorados”.

Há mãos e corpos sobrepostos e talvez concorrenciais, haverá talvez mãos sem par numa composição

belíssima de cenas que são para ver e decifrar, se nos colarmos ao rés da tela, ou a ampliarmos, em fotografia. São episódios, sem sentido, divertidos e cruéis que ela conta a si própria e nos propõe sem palavras. Nessas histórias visuais, espécie de *cartoons* que o regime da colagem propicia, não há sinais da cultura aldeã minhota que referencia os “lenços de namorados”. A designação solta-se de contexto, e aliás altera-se, num processo cosmopolita de apropriação, próprio da estética surrealista. (RHS)



O Lenço dos Amores, 1968

Técnica mista s/ tela, 119.2 x 100.3 cm
Ass. e dat. no verso da tela, ct. sup. esq.:
Paula Rego 1968
N ° inv.: 1059395

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Mello, em 2000.

Exposições

Coimbra, 2011; Guimarães, 2012; Cascais, 2015.

Bibliografia

GRILO, 1998.



Obra notável, ela pertence ainda à primeira fase da obra de Paula, caracterizada pela colagem que serve uma narratividade convulsiva e uma poética oriunda do *cartoon*. Constituída por fragmentos que só a autora poderia agrupar, são uma espécie de “cadáveres esquisitos” que se organizam num automatismo que é, simultaneamente, intencional e casual.

Trata-se de uma paisagem em que “A Ponte” é visível recebendo várias marionetas que serão gente ou seus

A Ponte (Cão), 1972

Acrílico e colagem s/ tela, 38.3 x 46 cm
Ass. e dat. no verso da tela: Paula Rego
1972
N ° inv.: 1096973

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Português do Atlântico, em 1995.

Exposições

Lisboa, 2009-2012.

Bibliografia

SILVA, 2009, 68-69.

representantes. Que relação têm com o “Cão” não é evidente, como não é o seu corpo truncado ou miscigenado.

A vontade de decifrar, que nos é inerente, é potenciada pela flexibilidade exuberante do desenho colorido e pelas pontuações sarcásticas de figuras livres de evidente marca sexual. (RHS)



A Noiva, 1972

Acrílico e colagem s/ tela, 121.7 x 91.2 cm.
Aprox. estilística com outras obras da autora.
Dat. verso da grade – 1972
N ° inv.: 1180325

Historial

Incorporada no Banco Comercial Português através do Banco Português do Atlântico, em 1995.

Exposições

Nova Iorque, 2004; Cascais, 2010.



O Macaco Jogador, 1981

Acrílico s/ papel, 76.5 x 58 cm
Ass. ct. inf. esq.: Paula Rego e dat. ct. sup.
esq.: 1968
N ° inv.: 1059439

Historial

Pertencente ao Banco Comercial
Português.

Exposições

Lisboa, 2005.

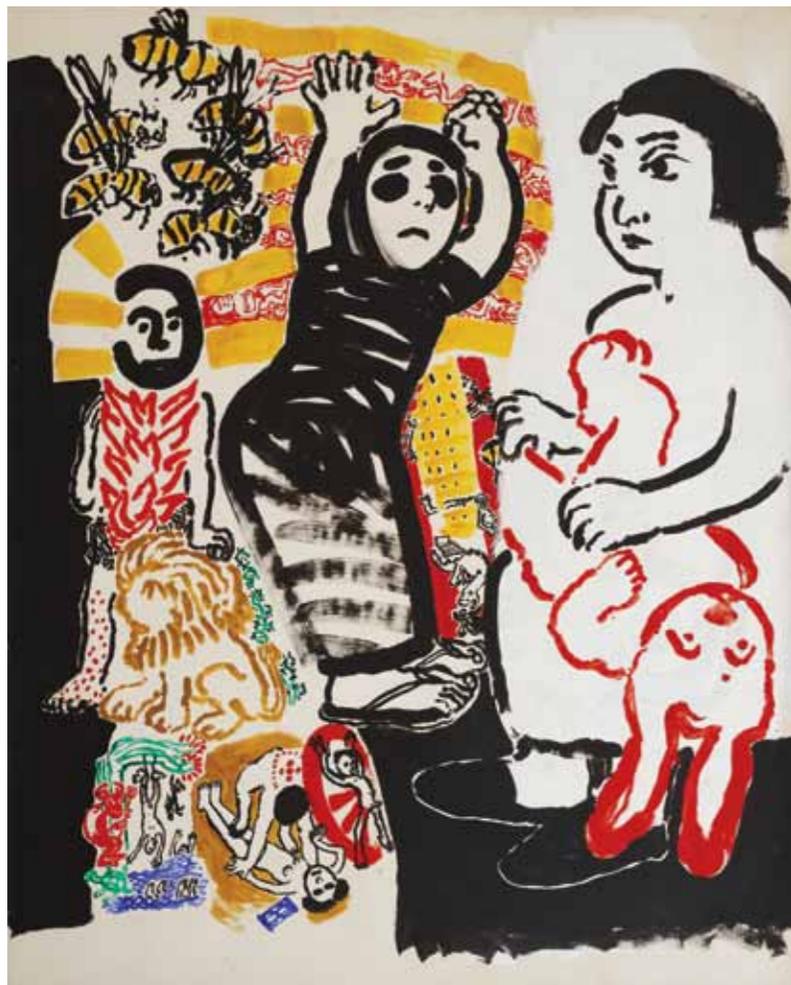


Sem título, 1984

Óleo e colagem s/ tela, 91 x 91 cm
Ass. e dat. no verso: Paula Rego 1984
N ° inv.: 1096027

Historial

Pertencente ao Banco Comercial
Português.



Vivian Girls with Bumble Bee, 1984

Óleo s/ papel, 152 x 122 cm
Aproximação estilística com outras
obras da autora
N ° inv.: 1097288

Historial

Incorporada no Banco Comercial
Português através do Banco Português
do Atlântico, em 1995.

Exposições

Lisboa, 2005; Estoril, 2010.



Sem título, 1986

Óleo s/ papel, 112 x 76 cm
Ass. e dat. no verso: Paula Rego 1986
N ° inv.: PS0000095668

Observações:

Registo no verso: "Tate Gallery Liverpool
1997".

Historial

Pertenceu à coleção de
José Pedro Paço d'Arcos.

**Sem título**

Grafite s/ papel, 136.5 x 101 cm
 N. ass., n. dat.
 N.º inv.: PS0000095667

Historial

Pertenceu à colecção de
 José Pedro Paço d'Arcos.

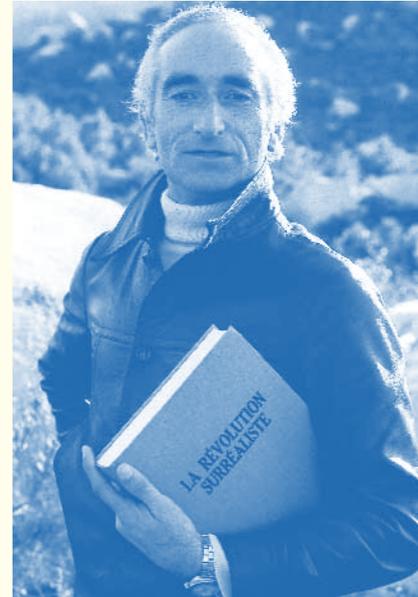
**Seamstress**

Grafite, pastel e carvão s/ tela,
 102 x 67 cm
 N. ass., n. dat.
 N.º inv.: 1181861

Historial

Pertenceu à colecção de
 José Pedro Paço d'Arcos.

BIOG
RAFI
AS



CRUZEIRO SEIXAS

(Amadora, 1920)

ARTUR MANUEL RODRIGUES DO CRUZEIRO SEIXAS nasce a 3 de Dezembro de 1920, na Amadora. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, onde prava, entre outros, com Marcelino Vespeira, Júlio Pomar, Mário Cesariny e Fernando de Azevedo, datando dessa época a sua participação nas reuniões do Café *Herminius*, na Avenida Almirante Reis, e o seu interesse pelo Neo-realismo. Em 1948 passa a integrar o grupo *Os Surrealistas*, de que também fazia parte Mário Cesariny, António Maria Lisboa, Mário-Henrique Leiria, Pedro Oom, Carlos Calvet, e com os quais viria a expor pela primeira vez, em 1949, na *I Exposição dos Surrealistas*, na Galeria Pathé-Baby, e no ano seguinte numa segunda edição (a *II Exposição dos Surrealistas*), na galeria da Livraria *A Bibliófila*, ambas em Lisboa. Em 1951 Seixas alista-se na marinha mercante, viajando até África, Índia e Extremo Oriente. No ano seguinte, já radicado em Angola, inicia uma colecção de arte africana e realiza, em 1953, no Cinema Restauração, a primeira exposição individual com desenhos sobre a evocação de Aimé Césaire (1913-2008), e a segunda, em 1954, onde apresenta essencialmente objectos e colagens. 1960 coincide com o início do seu trabalho no Museu de Angola, aí expondo a colecção de arte moderna que estava a ser constituída, sob o impulso do coleccionador Manuel Vinhas. Em consequência da guerra colonial (1961-1974) regressa a Portugal em 1964, ano em que viaja por vários países europeus (Alemanha, Espanha, França, Holanda). Em 1967, conjuntamente com Mário Cesariny, inaugura a exposição *Pintura Surrealista*, na Galeria Divulgação, no Porto, e a Fundação Calouste Gulbenkian concede-lhe uma bolsa de estudo. Dois anos mais tarde, e mais uma vez com Cesariny, integra a Exposição Internacional Surrealista realizada na Holanda, figurando, durante a década de 70, em mostras individuais e colectivas em Portugal e no

estrangeiro (França, Brasil, Bélgica, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Espanha, Alemanha e México), dinâmica expositiva que se mantém durante 1983, já estabelecido no Algarve. Seixas produz uma extensa obra no campo do desenho e da pintura, distinguindo-se igualmente no domínio da ilustração e da poesia, género caro aos surrealistas. Destaque ainda para os cenários realizados para a Companhia Nacional de Bailado e para a Companhia de Bailado da Gulbenkian, para a colaboração em revistas internacionais surrealistas e para a sua faceta de programador cultural, com papel activo na divulgação de novos artistas. No seu percurso conta com diversos prémios e distinções, entre os quais destacamos o Prémio Soc-Tip “Artista do Ano” (1989) e a Medalha de Honra que lhe foi atribuída pela Sociedade Portuguesa de Autores (2012). A sua obra encontra-se representada em diversas colecções privadas e em instituições: Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Nacional de Machado de Castro, Fundação António Prates, Fundación Eugenio Granell (Galiza) e Museu de Castelo Branco. Em 1999 doou o seu espólio/colecção à Fundação Cupertino de Miranda (Vila Nova de Famalicão) tendo em vista a constituição do Centro de Estudos do Surrealismo e do Museu do Surrealismo. No ano seguinte, a Fundação organizou, por ocasião do 80º aniversário de Cruzeiro Seixas, uma exposição retrospectiva de homenagem ao artista. No plano das mostras, é ainda digna de menção a antológica organizada pelas duas Galerias Perve (Alfama e Alcântara), em 2012, e *Cruzeiro Seixas: Sou um tipo que faz coisas*, que teve lugar no Palácio da Cidadela (Cascais), em 2015.

E X P O S I Ç Õ E S (s e l e c ç ã o)

-
- Pintura Surrealista*. Porto, Galeria Divulgação, 1967.
- Exposição individual* (retrospectiva). Lisboa, Galeria Buchholz, 1967.
- Primeira Exposição Surrealista*. São Paulo, 1967.
- Exposição Internacional Surrealista*. Holanda, 1969.
- 20 Bules e 16 Quadros*. Lisboa, Galeria São Mamede, 1970.
- Novos Sintomas na Pintura Portuguesa*. Lisboa, Galeria Judite da Cruz, 1970.
- 24 Desenhos de 1972*. Lisboa, Galeria São Mamede, 1972.
- Maias para o 25 de Abril*. Lisboa, Galeria São Mamede, 1974.
- Figuração Hoje*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1975.
- Artistas Contemporâneos e as Tentações de Santo Antão de Bosch*. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1975.
- Marvellous Freedom - Vigilance of Desire*. Chicago, 1976.
- Cultura Portuguesa*. Madrid, Palácio de Congressos, 1977.
- Mitologias Locais*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1977.
- Exposição colectiva internacional* (grupo Phases). Paris, Galeria Maombra, 1977.
- Portuguese Art Since 1910*. Londres, Royal Academy of Arts, 1978.
- Moderna e Mitologias Locais*, Lisboa, Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1979.
- Os Anos 40 na Arte Portuguesa*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- Um rosto para Fernando Pessoa*. Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

Fantástico na Arte Portuguesa Contemporânea. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

Arte Portuguesa nos Anos 50. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

O Rosto da Máscara, Lisboa. Centro Cultural de Belém, 1994.

Visões partilhadas. Obras de colecções particulares de Famalicão. Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 1996.

Le Surréalisme et l'Amour. Paris, Pavillon des Arts, 1997.

Desenhos dos Surrealistas em Portugal 1940-1960. Porto, Museu Nacional Soares dos Reis, 1999.

Surrealismo em Portugal 1934-1952. Lisboa, Museu do Chiado e Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2001.

O Surrealismo Abrangente. Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 2004.

Os Surrealistas - 60 Anos após a 1ª Exposição. Tomar, Casa dos Cubos, 2009.

Cruzeiro Seixas “Sou um tipo que faz coisas”. Cascais, Palácio da Cidadela de Cascais, 2015.

Más que vanguardia. Arte portugués entre dos siglos. Fondos de la Colección Moderna / Museo Calouste Gulbenkian, Burgos, Fundación Caja de Burgos, 2016.

B I B L I O G R A F I A

—

ALMEIDA, 2015; ÁVILA/CUADRADO, 2001; FERREIRA, 2016; GONÇALVES, 2007.



MÁRIO
CESARINY

(Lisboa, 1923 — 2006)

MÁRIO CESARINY DE VASCONCELOS nasceu a 9 de Agosto de 1923, em Lisboa, cidade onde faleceu, no dia 26 de Novembro de 2006, com 83 anos. Frequentou durante um ano o curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, tendo depois transitado para a Escola de Artes Decorativas António Arroio e aí permanecido entre 1936 e 1943. Foi nos tempos da António Arroio que conheceu, nas tertúlias do *Café Herminius* da Avenida Almirante Reis, Marcelino Vespeira, Fernando de Azevedo, Júlio Pomar, José Leonel Rodrigues, Fernando José Francisco, Cruzeiro Seixas e António Domingues, sendo que alguns o acompanhariam na aventura surrealista, datando dessa época os primeiros desenhos, poemas e pinturas. Depois de uma breve incursão pelo neo-realismo, a que adere em 1944, e do qual se começa a distanciar em 1947, altura em que vai para Paris e tem contacto com os membros do grupo surrealista francês, nomeadamente André Breton (1896-1966). A influência deste último foi determinante para a fundação, no mesmo ano, do *Grupo Surrealista de Lisboa* (GSL), juntamente com António Pedro, José-Augusto França, Cândido Costa Pinto, Vespeira, Moniz Pereira e Alexandre O'Neill. Pouco tempo depois, Cesariny desvincula-se do GSL para formar o grupo dissidente *Os Surrealistas*, do qual fazem parte, entre outros, António Maria Lisboa, Risques Pereira, Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, Fernando José Francisco e Mário-Henrique Leiria. Em 1949 apresenta as suas obras na I Exposição dos Surrealistas, na sala da Pathé-Baby, a que se seguiu uma segunda edição, no ano seguinte, na Livraria Bibliófila. Autor de uma vasta e complexa obra poética, na década de 1950, Cesariny dedica-se à pintura, mas também, e sobretudo, à poesia. No campo das artes plásticas desempenhou também um papel de destaque na introdução de novas técnicas (exemplo das 'soprografias') e na explo-

ração de materiais pouco usuais, a ele se devendo, "no Surrealismo português de pós-guerra, a primeira colagem surrealista" (ÁVILA, 2001). Em 1958 realiza a sua primeira exposição individual de pintura, na Galeria Diário de Notícias, em Lisboa, a que se seguirá outra, no Porto, na Galeria Divulgação. Partiu para Paris em 1964 na qualidade de bolseiro da FCG (Fundação Calouste Gulbenkian) com o intuito de escrever um ensaio sobre Maria Helena Viera da Silva, tendo permanecido na capital francesa até finais de 1965, e onde regressaria em 1968. Nos anos seguintes, e até meados da década de 70, participará em várias exposições colectivas e individuais, algumas das quais realizadas no estrangeiro, em cidades como Bruxelas, Lima, Chicago e São Paulo. Em 2002 a sua obra plástica foi contemplada com o Grande Prémio EDP. Posteriormente, em 2005, recebeu duas distinções: o Grande Prémio Vida Literária APE/CGD e a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. O seu espólio foi doado, pelo próprio, à Fundação Cupertino de Miranda. Está representado em colecções privadas e públicas: Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Cupertino de Miranda, entre outras.

E X P O S I Ç Õ E S (s e l e c ç ã o)

—

I Exposição dos Surrealistas. Lisboa, Pathé-Baby, 1949.

II Exposição dos Surrealistas. Lisboa, Livraria Bibliófila, 1950.

XIII Exposição Internacional de Surrealismo. São Paulo, FAAP, 1967.

I Exposição Surrealista no Brasil. São Paulo, 1967.

Exposição Internacional Surrealista, Haia, 1969.

Novos Sintomas na Pintura Portuguesa. Lisboa, Galeria Judite Dacruz, 1970.

Figuração-Hoje?. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1975.

World Surrealist Exhibition. Marvelous Freedom - Vigilance of Desire, Chicago, Gallery Black Swan, 1976.

Surrealism Unlimited, 1968-1978. Londres, Camden Arts Centre, 1978.

Os Anos 40 na Arte Portuguesa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

Le Surréalisme Portugais. Montréal, Universidade de Montréal, 1983.

56 Artistas da António Arroio. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1986.

Surrealismo (e Não). Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino Miranda, 1994.

Linhas de Sombra. Lisboa, CAM-Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

Surrealismo em Portugal 1934-1952. Lisboa, Museu do Chiado e Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2001.

Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco e o passeio do cadáver esquisito. Lisboa, Galeria Perve, 2006.

50 Anos de Arte Portuguesa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

Arte Partilhada Millennium bcp - 100 Anos de Arte Portuguesa. Portugal, exposição itinerante, 2009-2012.

Abstracção. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2010.

Visto a esta luz - Mário Cesariny. Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 2011-2012.

Cesariny - O PICTO-POETA da Neupergama. Torres Novas, Galeria Neupergama, 2011.

Entre a Palavra e a Imagem. Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 2012.

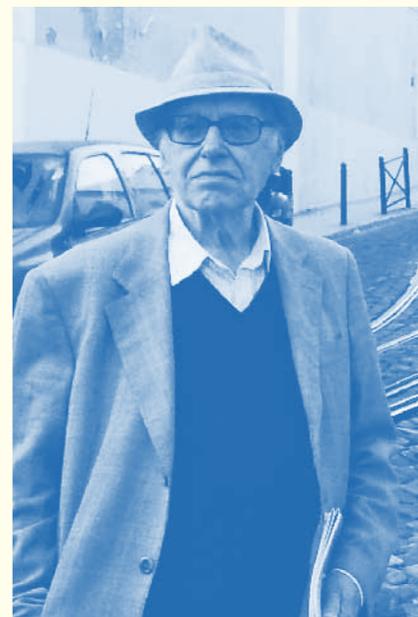
do mais fundo de nós o mais útil segredo - Mário Cesariny. Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 2014.

Cesariny - Em casas como aquela. Lisboa, Museu da Eletricidade, 2015.

B I B L I O G R A F I A

—

ÁVILA/CUADRADO, 2001; CUADRADO/PINHARANDA, 2004.



CARLOS
CALVET

(Lisboa, 1928 — 2014)

CARLOS FREDERICO PEREIRA SEQUEIRA BRAMÃO CALVET DA COSTA nasceu em 1928, em Lisboa, cidade onde faleceu, em 2014, com 86 anos. Formado em Arquitectura nas Escolas de Belas-Artes do Porto (1944) e de Lisboa (1957), o seu interesse pela pintura revelou-se precocemente, tendo exposto pela primeira vez em 1947 (com 19 anos de idade) na II Exposição Geral de Artes Plásticas da FCG, que teve lugar na SNBA (Sociedade Nacional de Belas Artes). Dedicou-se, em simultâneo, à fotografia, actividade em que se estreou com Sena da Silva (1926-2001), Gérard Castello Lopes (1925-2011) e o seu irmão Nuno Calvet (1932), na qual investe mais decididamente entre 1956 e 1975. Para além da pintura e da fotografia, o seu percurso artístico abrange a obra gráfica, a serigrafia, a gravura e a litografia, distinguindo-se ainda na área do cinema, tendo colaborado, neste âmbito, com Mário Cesariny e António Areal na realização de curtas-metragens de cariz surrealista. Ainda muito jovem, Calvet aproxima-se do grupo *Os Surrealistas*, ao lado de Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles e Mário-Henrique Leiria, com quem manteve uma forte relação de proximidade, realizando juntos numerosos *cadavres-exquis* e participado no extra - catálogo na *Primeira Exposição dos Surrealistas* de 1949, na Sala da Pathé Baby. O seu reconhecimento na cena artística portuguesa acontece nos anos de 1960, quando decide investir num tipo de figuração conotada com a *Pop art*, completada por um particular paisagismo onírico e metafísico. A partir de 1981 dedica-se em exclusivo à pintura, e paralelamente realiza ilustrações para livros, executa painéis murais, e escreve artigos sobre geometria e simbolismo. Carlos Calvet participou em dezenas de exposições individuais e colectivas em Portugal e no estrangeiro (Tóquio, Paris, Chicago, Roma, Montreal, Frankfurt ou Madrid), tendo sido agraciado com o Prémio da

Crítica “Soquil” em 1968, e prémio do júri da exposição “1984: O futuro é já Hoje?”, realizada no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (1984). Está representado em diversas colecções públicas e privadas: Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Museu de Serralves, Sintra Museu de Arte Moderna - Colecção Berardo, Museu do Caramulo, Museu José Malhoa, Caixa Geral de Depósitos, Fundação Cupertino de Miranda e Fundação António Prates.

E X P O S I Ç Õ E S (s e l e c ç ã o)

—

- 2ª *Exposição Geral de Artes Plásticas*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1947.
- 3ª *Exposição Geral de Artes Plásticas*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1948.
- 4ª *Exposição Geral de Artes Plásticas*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1949.
- Primeira Exposição dos Surrealistas*. Lisboa, Sala Pathé Baby, 1949.
- 5ª *Exposição Geral de Artes Plásticas*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1950.
- 6ª *Exposição Geral de Artes Plásticas*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1951.
- 9ª *Exposição Geral de Artes Plásticas*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1954.
- 1º *Salão dos Artistas de Hoje*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1956.
- I Exposição de Artes Plásticas da FCG*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1957.
- Artistas de Hoje*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1957.
- 1º *Salão de Arte Moderna*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1958.
- 50 *Artistas Independentes*. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1959.
- II Exposição de Artes Plásticas da FCG*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.
- IX Bienal de S. Paulo*. São Paulo, 1967.
- III Salão Nacional de Arte*. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1968.
- 11 *Artistas Portugueses*. Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 1969.

Twenty Artists from Portugal. Nova Iorque, The Hudson River Museum, 1970.

Pintura Portuguesa de Hoje. Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo e Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

World Surrealiste Exhibition. Chicago, Gallery Black Swan, 1976.

Art Portugais Contemporain. Paris, Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, 1976.

Mitologias Locais. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1977.

Cultura Portuguesa en Madrid. Madrid, Fundación Juan Miró, 1977.

Exposição de Arte Moderna. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1978.

Arte Moderna Portuguesa. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1979.

Surréalisme Périphérique. Montréal, Universidade de Montréal, 1983.

Perspectivas Actuais da Arte Portuguesa. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1983.

1984, o futuro é já hoje?. Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

Vinte Anos de Arte Contemporânea Portuguesa 1965-1985. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1985.

O Fantástico na Arte Contemporânea. Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

III Exposição de Artes Plásticas da FCG. Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

Azares da Expressão ou a Teatralidade da Pintura Portuguesa. Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

Imagens do Sagrado. Lisboa, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

Surrealismo (e Não). Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 1995.

Carlos Calvet, Nikias Skapinakis, António Palolo, Novas Salas Pop, Fluxos e Foto-realismo. Sintra, Museu de Arte Moderna, Coleção Berardo, 1997.

Surrealismo em Portugal 1934-1952. Lisboa, Museu do Chiado e Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2001.

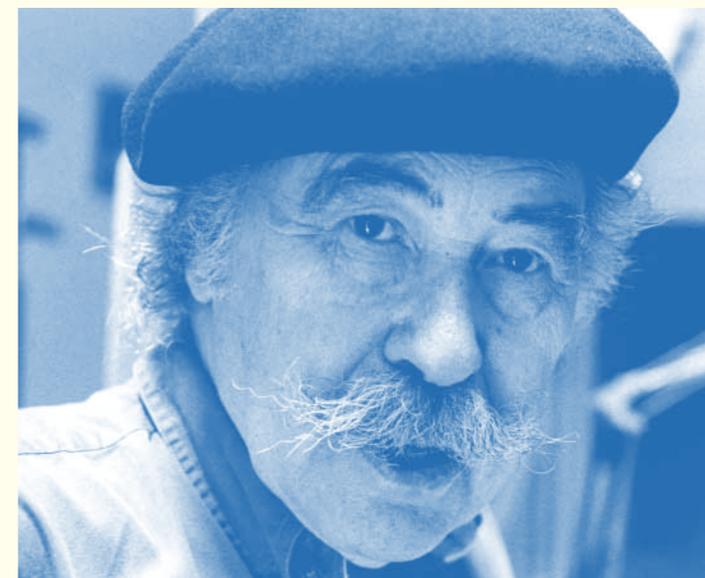
100 Anos, 100 Artistas. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 2002.

Explorador de Horizonte - Carlos Calvet. Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 2012-2013.

Más que vanguardia. Arte portugués entre dos siglos. Fondos de la Colección Moderna / Museo Calouste Gulbenkian, Burgos, Fundación Caja de Burgos, 2016.

B I B L I O G R A F I A

—
ÁVILA/CUADRADO, 2001; FERNANDES, 2003;
FERREIRA, 2016; TAVARES, 2009.



—
M A R C E L I N O
V E S P E I R A

(Samouco, Alcochete, 1925 — Lisboa, 2002)

MARCELINO MACEDO VESPEIRA nasceu no Samouco a 9 de Setembro de 1925 e faleceu em Lisboa, no dia 22 de Fevereiro de 2002, com 76 anos. Frequentou a Escola de Artes Decorativas António Arroio, em Lisboa, onde concluiu os seus estudos em 1942. Nesta mesma data frequenta o 1º ano do curso de Arquitectura da Escola de Belas-Artes de Lisboa, que abandona para se dedicar às artes gráficas, decoração e publicidade no ETP (Estúdio Técnico de Publicidade). Durante esse período participa nas reuniões do Café *Herminius* da Almirante Reis, lado a lado com nomes como António Pedro, Cruzeiro Seixas, Pedro Oom, entre outros, realizando em 1943 a sua primeira mostra colectiva num quarto alugado, para o efeito, na Rua das Flores, juntamente com outros colegas da António Arroio: Júlio Pomar, Pedro Oom, Gomes Pereira e Fernando Azevedo. O seu percurso artístico, numa primeira fase enquadrado no neo-realismo, inclui os textos que redigiu a partir de 1945 para a página «Arte» do jornal portuense *A Tarde*, dirigida por Júlio Pomar, a que se segue a estreia nas Exposições Gerais de Artes Plásticas da SNBA (Sociedade Nacional de Belas Artes), a primeira em 1946, onde se notabilizou com a obra *Apertado pela Fome* (1945), título inspirado num poema de Paul Éluard. Já na segunda edição do mesmo certame, em 1947, Vespeira demarca-se do ideário neo-realista, iniciando uma linguagem em sintonia com o Surrealismo. Neste período colabora na execução de *Cadavre Exquis* (1948) e integra a primeira e única exposição do *Grupo Surrealista de Lisboa* (1949), de que foi um dos fundadores, uma mostra que teve lugar no atelier de António Pedro e de Dacosta e onde apresentou obras que investem numa gramática de notório carácter erótico. Realiza a sua primeira exposição individual, em 1952, na Casa Jalco, com cerca de 76 trabalhos. Nas décadas seguintes acrescenta à sua actividade uma curta passagem pelo abstracionismo geométrico, inflectindo posteriormente

para uma opção “mais fluida (jazzística)” (SARDO, 2011), linha que seguirá na década de 60, registando-se nos finais desta e no decurso dos anos 70 e 80 um regresso ao erotismo que caracterizou os primeiros tempos surrealistas. Vespeira integrou as três edições das EGAP (Exposições Gerais de Artes Plásticas) da Fundação Calouste Gulbenkian (1957, 1961 e 1986), instituição de que foi bolsheiro entre 1958-1959. Neste último ano dá continuidade ao trabalho gráfico, tendo sido neste âmbito colaborador e posteriormente director gráfico da revista *Colóquio Artes* (1962-1966). Assumiu um papel destacado nas acções que se seguiram ao 25 de Abril, integrando a Comissão Central de Dinamização Cultural e Acção Cívica do MFA e de cujo cartaz-logotipo foi autor. No ano de 2000 o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado organiza uma exposição retrospectiva da sua obra, *Vespeira*, ano em que também vê ser-lhe atribuído o Prémio Nacional de Artes Plásticas da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte). A sua obra está representada em colecções públicas e particulares: Fundação Calouste Gulbenkian, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado e Museu do Neo-Realismo, entre outras.

E X P O S I Ç Õ E S (s e l e c ç ã o)

—

I Exposição Geral de Artes Plásticas. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1946.

II Exposição Geral de Artes Plásticas. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1947.

I Exposição do Grupo Surrealista de Lisboa. Lisboa, Travessa da Trindade, 1949.

Primeira exposição individual. Lisboa, Casa Jalco, 1952.

20 Pintores Portugueses Contemporâneos. Lisboa, Galeria de Março, 1952.

Arte Moderna Portuguesa. São Paulo, II Bienal de São Paulo, 1954.

I Salão de Arte Abstracta. Lisboa, Galeria de Março, 1954.

Vespeira. Lisboa, Galeria Pórtico, 1955.

I Salão dos Artistas de Hoje. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1956.

Algumas Obras do Museu Nacional de Arte Contemporânea. Lisboa, Museu Nacional de Arte Contemporânea, 1956.

I Exposição de artes Plásticas da FCG. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1957.

9 Pintores de Portugal. IV Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. São Paulo, Museu de Arte Moderna, 1957.

Retrospectiva da Pintura Não Figurativa em Portugal. Lisboa, Associação dos Estudantes da Faculdade de Ciências, 1958.

I Salão de Arte Moderna da SNBA. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1958.

50 Artistas Independentes. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1959.

II Salão de Arte Moderna da SNBA. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1959.

II Exposição de Pintura Moderna. Luanda, Grupo

Desportivo Cultural da “Cuca” 1960.

II Exposição Geral de Artes Plásticas da FCG. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1961.

Meio Século de Pintura Moderna Portuguesa (1900-1950). Lisboa, Galeria Buchholz, 1967.

Art Portugais Peinture et Sculpture du Naturalisme à nos Jours. Bruxelas, Palais des Beaux-Arts, 1967.

Art Portugais Peinture et Sculpture du Naturalisme à nos Jours. Paris, Centre Culturel Portugais de la FCG, 1968.

Os Anos 40 na Arte Portuguesa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

III Exposição Geral de Artes Plásticas da FCG. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1986.

As Tentações de Bosch ou o Eterno Retorno. Lisboa, Museu de Nacional de Arte Antiga, 1994.

Colecção Manuel de Brito. Imagens da Arte Portuguesa do Século XX. Lisboa, Museu do Chiado, 1995.

Colecção José-Augusto França. Lisboa, Museu do Chiado, 1997.

Vespeira. Lisboa, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, 2000.

Surrealismo em Portugal 1934-1952. Lisboa, Museu do Chiado e Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2001.

50 Anos de Arte Portuguesa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

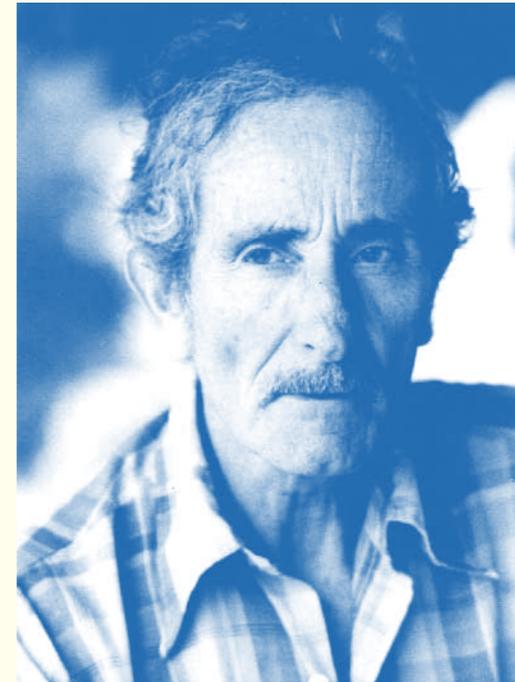
Marcelino Vespeira 1925-2002: 10 anos de conversas ausentes. Montijo, Galeria Municipal do Montijo, 2011-2012.

Más que vanguardia. Arte portugués entre dos siglos. Fondos de la Colección Moderna / Museo Calouste Gulbenkian. Burgos, Fundación Caja de Burgos, 2016.

B I B L I O G R A F I A

—

AA.VV., 2011; ÁVILA/CUADRADO, 2001; SANTOS, 2000; SARDO, 2011; SILVA, 2007.



ANTÓNIO
DACOSTA

(Angra do Heroísmo, 1914 — Paris, 1990)

ANTÓNIO DACOSTA nasceu a 3 de Novembro de 1914 em Angra do Heroísmo, na ilha Terceira (Açores). Oriundo de uma família de artífices, o pai foi professor de marcenaria e o avô carpinteiro e entalhador, é nas ilhas que passa a sua infância, local de memórias que transporta para os primeiros trabalhos executados a óleo, e presença visual e afectiva recorrente na sua obra plástica. Em 1935 inicia a sua formação em Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, tendo sido discípulo de Macedo Mendes, Varela Aldemira e Leopoldo de Almeida, entre outros. Na capital depressa se integra nos circuitos intelectuais, frequentando *A Brasileira* do Chiado, onde convive com escritores, jornalistas e artistas de relevo. A amizade que travou, a partir de 1938, com António Pedro (1909-1966) foi determinante para a sua adesão ao programa surrealista. Com ele partilhou atelier, pelo menos desde 1941, na Travessa da Trindade, em Lisboa, e expôs, pela primeira vez, com 26 anos de idade, em conjunto com a escultora abstracta inglesa Pamela Boden (1905-1981), numa mostra celebrada na Casa Repe, no Chiado, em 1940, no mesmo ano em que decorria o maior evento do regime estado-novista, a *Exposição do Mundo Português*, realizado em Belém àquela data. A Guerra Civil de Espanha (1936-1939) e, posteriormente, a II Guerra Mundial (1939-1945) têm influência directa nas obras que produziu no início dos anos de 1940, coincidindo com o surgimento de uma pintura figurativa. Através desta procurava denunciar e reflectir esses tempos dominados pelo sofrimento e pela violência, espelho de inquietação e estranheza, exemplo de *Cena Aberta* e *Antítese da Calma*, obras datadas de 1940, as únicas que sobreviveram ao incêndio ocorrido em 1944 no atelier da Travessa da Trindade. Participa em 1949 com António Pedro, Alexandre O'Neill, António Domingues, Fernando Azevedo, Marcelino Ves-

peira, Cândido Costa Pinto e José Augusto França na primeira e única Exposição do *Grupo Surrealista de Lisboa* que teve lugar no antigo atelier de António Pedro. Em 1941 Dacosta dá início a uma outra vertente do seu trabalho, a crítica de arte e a crónica, que exerce primeiro a partir de Lisboa e depois de Paris, e da qual só se viria a desvincular em 1980. Neste âmbito, colaborou em alguns jornais, como o *Diário Popular*, em revistas, como a *Panorama*, e na capital francesa com o jornal brasileiro *O Estado de São Paulo*. 1941 marca também a sua estreia nas exposições de arte moderna do SNI (Secretariado de Propaganda Nacional), ligação que mantém até 1946. No ano de 1947 o Governo francês concede-lhe uma bolsa, instalando-se definitivamente em Paris, onde viverá até à data da sua morte, a 2 de Dezembro de 1990. Naquele ano interrompe a produção pictórica, retomada em 1975. O seu regresso coincidiu com a exposição realizada em 1983, em Lisboa, na Galeria 111, a que se seguiu uma outra, em 1984, no Porto, na antiga Zen, onde Dacosta apresenta uma pintura marcada por uma “reflexão sobre a própria condição humana” (PORFÍRIO, 2015), momento em que assiste à sua consagração, concretizada nos seguintes marcos: Prémio Nacional das Artes AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte) (1984); encomendas para o Parlamento Regional do Açores (1988) e Metropolitano de Lisboa (estação do Cais de Sodré) (1989), inaugurada em 1998; primeira grande exposição retrospectiva da sua obra na Fundação Calouste Gulbenkian, exibida posteriormente na Casa de Serralves no Porto (1988); e Grã-Cruz da Ordem de Mérito (1990). Na década de 80 escreve diversos poemas que serão publicados numa obra póstuma intitulada *A Cal dos Muros* (Assírio & Alvim, 1994). A sua produção artística está representada em diversas colecções privadas e institucionais: Museu Nacional de Soares dos Reis, Fundação

Calouste Gulbenkian, Museu Carlos Machado, Museu de Angra do Heroísmo e Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado. Por ocasião do centenário do seu nascimento, o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian apresentou a exposição *António Dacosta - 1914 | 2014*, ao mesmo tempo que era publicado um catálogo digital ‘raisonné’, o primeiro produzido sobre um artista português (<http://www.dacosta.gulbenkian.pt/>).

E X P O S I Ç Õ E S
(s e l e c ç ã o)

Pamela Boden, António Dacosta, António Pedro, Escultura e Pintura. Lisboa, Casa Repe, 1940.

6ª Exposição de Arte Moderna. Lisboa, Estúdio do SPN, 1941.

20 Pintores Portugueses Contemporâneos. Lisboa, Galeria de Março, 1952.

Retrospectiva da pintura não-figurativa em Portugal. Lisboa, Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências e Fundação Calouste Gulbenkian, 1958.

Arte Portuguesa 1550-1950. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas-Artes, 1965.

Portuguese Art Since 1910. Londres, Royal Academy of Arts, 1978.

Os Anos 40 na Arte Portuguesa (Volume 1). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

António Dacosta. Lisboa, Galeria 111, 1983.

António Dacosta. Porto, Galeria Zen, 1984.

18ª Bienal Internacional de São Paulo. São Paulo, Parque Ibirapuera, 1985.

O Fantástico na Arte Portuguesa Contemporânea. Lisboa, CAM- Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

III Exposição de Artes Plásticas. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

Um Olhar sobre a Arte Contemporânea Portuguesa. Porto, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, 1988.

Imagens do Sagrado. Lisboa, CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

Exposição de Artes Plásticas Portuguesas. Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1991.

As Tentações de Bosch ou o Eterno Retorno. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1994.

O Rosto da Máscara: Auto-representação na arte portuguesa. Lisboa, Fundação das Descobertas, Centro Cultural de Belém, 1994.

Colecção José-Augusto França. Lisboa, Museu do Chiado, 1997.

A arte, o artista e o outro. Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, 1997.

Arte Portuguesa dos anos 80 na colecção da Fundação de Serralves. Exposição Itinerante, Portugal, 1998 - 1999.

Desenho dos surrealistas em Portugal 1940-1966: desenho em Portugal no século XX. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1999.

Surrealismo em Portugal 1934-1952. Lisboa, Museu do Chiado e Badajoz, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo, 2001.

Figuração e Abstracção nas colecções do Museu do Chiado - 1940-1960. Castelo Branco, Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, 2002.

Figurações da Ilha. Angra do Heroísmo, Museu de Angra do Heroísmo, 2005.

António Dacosta. Porto, Museu de Serralves, 2006.

50 Anos de Arte Portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

Arte Partilhada Millennium bcp. Exposição itinerante, Portugal, 2009 - 2012.

Surrealismo Porquê? Nos 60 anos da exposição do Grupo Surrealista de Lisboa. Tomar, Casa dos Cubos, 2009.

Arte Moderna em Portugal - De Amadeo a Paula Rego. Lisboa, Museu do Chiado, 2009.

A Pulsão do Amor | Arte Partilhada Millennium bcp. Exposição itinerante, Portugal, 2011 - 2013.

Arte Portuguesa do Século XX (1910-1960) - Colecção do MNAC. Lisboa, Museu do Chiado, 2011.

Pós de Perlím-pim-pim. Lisboa, Galeria Ratton, 2015.

António Dacosta 1914 | 2014, Lisboa, CAM - Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

Más que vanguardia. Arte portugués entre dos siglos. Fondos de la Colección Moderna / Museo Calouste Gulbenkian. Burgos, Fundación Caja de Burgos, 2016.

B I B L I O G R A F I A

—
AA.VV. 2014; A.A.V.V., 1988; GONÇALVES, 1984; ROSA DIAS (coord.) 2015.



—
EDUARDO
LUIZ

(Braga, 1932 — Yèvre-le-Châtel, 1988)

EDUARDO LUIZ TELES FERNANDES GOMES nasceu a 16 de Julho de 1932, em Braga. Foi no atelier do seu pai, o escultor Joaquim Fernandes Gomes (1896-1962), que recebeu os primeiros ensinamentos no domínio do desenho, vindo posteriormente a frequentar, no Porto, a Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis (1943-1946) e o curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes (1946 e 1952). Na fase inicial do seu percurso artístico, dedicou-se igualmente à música, dança e cenografia, tendo realizado neste âmbito, entre 1952-1957, cenários para o Teatro Universitário e para o Teatro Experimental do Porto. É nesta cidade que, em 1950, realiza a sua primeira exposição individual, na Galeria Portugal. Em 1953 integrou a representação portuguesa na II *Bienal de S. Paulo*, ano em que também é agraciado com o *Prémio da Jovem Pintura* da Galeria de Março, dirigida por José-Augusto França. Sublinhe-se, ainda, a participação, em 1957, na *I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian* que teve lugar na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Em 1958, na qualidade de bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, Eduardo Luiz parte para Paris, cidade onde vê o seu trabalho reconhecido, alcançando um êxito notável, patenteado nos vários países em que expôs, nomeadamente Brasil, Espanha, Itália e Bélgica. Em 1964 produziu desenhos e pinturas para o filme de animação *La Brûlure de Mille Soleils* de Pierre Kast e Chris Marker (1964), quatro vezes galardoado internacionalmente. Este ano coincide também com a realização das primeiras «ardósias», que desenvolveu durante vários anos. Após um período em Paris durante o qual investe em diferentes linhas de pesquisa, “aproximando-se por vezes da não-figuração e da abstracção, vai-se definindo uma orientação” (SOARES, 2004): *partindo da arte abstracta, fazer uma coisa que o não seja* (LUIZ, 1973). É na capital francesa que vive grande par-

te da sua vida, até se ter mudado, em 1971, para Les Vaux, uma granja situada em Yèvre-le-Châtel, cuja *geografia* é presença constante na sua obra, e onde viria a falecer em 1988. Em 1983 foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada e a título póstumo foram-lhe dedicadas as seguintes exposições: *Eduardo Luiz - a Exposição Retrospectiva* (1990), organizada pela Fundação Calouste Gulbenkian, a que se seguiu uma outra em Paris intitulada *Eduardo Luiz 1932-1988*; *Eduardo Luiz*, mostra que teve lugar na Galeria de Exposições Temporárias do Leal Senado em Macau no ano de 1996; e, ainda, *Eduardo Luiz - Exposição Antológica* realizada no Centro de Arte Manuel de Brito, em Algés, em 2009. Encontra-se representado em diversos museus e colecções públicas e privadas de entre os quais salientamos: Museu de Arte Erótica de San Francisco (EUA); Museu de Arte Moderna de Paris; Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva e Colecção Manuel de Brito.

E X P O S I Ç Õ E S (s e l e c ç ã o)

Primeira exposição individual. Porto, Galeria Portugal, 1950.

II Bienal de São Paulo. São Paulo, Museu de Arte Moderna, 1953.

10.º Exposição Geral de Arte Plásticas. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1956.

30 Anos de Cultura Portuguesa. Lisboa, Secretariado Nacional de Informação, 1956.

11 Pintores Portugueses em Madrid. Madrid, Galeria Abril, 1957.

I Exposição de Artes Plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1957.

V Bienal de São Paulo. São Paulo, Museu de Arte Moderna, 1959.

Exposição individual. Paris, Galerie Mouffe, 1963.

17.ª Salon de la Jeune Peinture. Paris, Musée d'art moderne de La Ville de Paris, 1966.

Seis Pintores Portugueses de Paris. Lisboa, Galeria Buchholz, 1966.

Exposição individual. Porto, Cooperativa Àrvore, 1966.

18.ª Salon de la Jeune Peinture. Paris, Musée d'art moderne de La Ville de Paris, 1967.

Exposição individual. Paris, Galeria Claude Levin, 1968.

10 Ans d'Art Portugais à Paris. Paris, Centro Cultural da Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

Exposição individual. Lisboa, Galeria 111, 1973.

Levantamento da Arte do Século XX no Porto. Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1975.

Cultura Portuguesa em Madrid. Madrid, Palácio dos Congressos, 1977.

Salon d'Automne. Paris, Grand Palais, 1979.

Salon d'Automne. Paris, Grand Palais, 1980.

Exposição individual. Lisboa, Galeria 111, 1982.

Le XX.ª au Portugal. Bruxelas, Centre Albert Borchette, 1986.

Exposição individual. Paris, Sparts Gallery, 1987.

Eduardo Luiz. Lisboa, CAM-Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

Faina Fluvial no Douro. Régua, Museu do Douro, 2010.

Arte Partilhada Millennium bcp - 100 Anos de Arte Portuguesa. Portugal, exposição itinerante, 2009-2012.

B I B L I O G R A F I A

AA.VV. 1990; POMAR, 2007; SOARES, 1997; 2004.



GR AÇA
MOR AIS

(Vieiro, 1948)

MARIA DA GRAÇA PINTO DE ALMEIDA MORAIS nasceu a 17 de Março de 1948, em Vieiro, Trás-os-Montes, *geografia* que transporta para as suas obras. Concluído o liceu, matricula-se em 1966 no curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, onde foi aluna de Ângelo de Sousa, José Rodrigues e Tito Reboredo, e curso que conclui em 1971. No ano anterior viaja, pela primeira vez, pela Europa passando por Londres, Paris e Amesterdão, o que lhe possibilitou o contacto com obras de Rembrandt, Van Gogh e Francis Bacon. Foi professora do ensino secundário, primeiro no Porto (1971-72) e depois em Guimarães (1972-74), cidade em que realizou a sua primeira exposição individual no Museu Alberto Sampaio (1974). Entre 1976 e 1978 viveu em Paris com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian e integrou o *Grupo Puzzle* em conjunto com oito artistas - Albuquerque Mendes, Armando de Azevedo, Carlos Carreiro, Dario Alves, Gerardo Burmester, Fernando Pinto Coelho, Jaime Silva, João Dixo e o crítico de arte Egídio Álvaro -, com os quais, durante dois anos, apresenta exposições de pintura, instalações e performances, em Portugal e no estrangeiro, destacando-se a sua participação na exposição do *Salon de la Jeune Peinture*, em Paris, em 1977. Na cidade francesa estuda, em particular, a obra de Picasso, Matisse e Cézanne. Em 1979, de regresso a Portugal, passou a residir e a trabalhar entre Lisboa e Vieiro. É representada pela Galeria 111, de Manuel de Brito, desde 1983, ano em que integra a representação portuguesa na *Bienal de S. Paulo*, tendo colhido uma boa crítica. Um novo subsídio é-lhe atribuído pela Fundação Calouste Gulbenkian (1984) para desenvolver uma pesquisa antropológica, um trabalho sobre a sua terra natal. Parte para Londres em 1987, onde trabalha num atelier próximo do de Paula Rego, e no ano seguinte (1988) viaja até Cabo Verde. Para

além de se dedicar à pintura, Graça Morais produz também tapeçarias (executadas pela Manufatura de Tapeçarias de Portalegre), painéis de azulejos para o Edifício sede da Caixa Geral de Depósitos, estação Amadora Este do Metropolitano de Lisboa e estação Bielorrússia do Metropolitano de Moscovo e, ainda, cenografias e ilustrações para poetas e escritores. A sua obra tem sido exposta regularmente, a título individual ou colectivo, em Portugal e no estrangeiro, e homenageada com mostras antológicas (Guimarães, 1993, Lisboa e Porto em 1997 e Aveiro em 2003), e também objecto de vários reconhecimentos: SOCTIP-Artista do Ano (1991) e grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (1997). Está representada em várias colecções privadas e públicas: Culturgest, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação de Serralves e Colecção do Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, inaugurado em 2008, em Bragança, cujo desígnio consiste em promover a obra da artista e divulgar a arte contemporânea nacional e internacional.

E X P O S I Ç Õ E S (s e l e c ç ã o)

Primeira exposição individual. Guimarães, Museu Alberto Sampaio, 1972/1974.

Salon de la Jeune Peinture. Paris, 1977.

Onze Jovens Pintores Portugueses. Lisboa, Instituto Alemão, 1984.

Portuguese Contemporary Artists. Nova Iorque, World Trade Center, 1985.

Arte Contemporâneo Português. Madrid, Museu Espanhol de Arte Contemporânea, 1987.

70/80 Arte Portuguesa. São Paulo e Rio de Janeiro, 1987.

Five Portuguese Artists. Washington, Art Society of the International Monetary Fund, 1987.

Portugal Hoy, 30 Pintores. Madrid, Centro Cultural Del Conde Duque, 1989.

A Survey of Portuguese Art. Nova Iorque, Magidson Fine Art, 1991.

Art in Ibero / American Embassies. Washington, Art Museum of the Americas Gallery, 1991.

Expõe a série *O Mundo à Minha Volta.* Washington, Kimberly Gallery e Nova Iorque, Scott Allan Gallery, 1992.

Os Biombos Portugueses. Japão, Museu Azabe; São Paulo, Museu de Arte de São Paulo e Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1993.

Waves of Influence, Cinco Séculos do Azulejo Português. Nova Iorque, Everson Museum of Art, 1994.

Colecção Manuel de Brito - Imagens da Arte Portuguesa do século XX. Lisboa, Museu do Chiado; São Paulo, Museu de Arte de São Paulo e Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna, 1995.

Memória da Terra, Retrato de Mulher. Lisboa, Culturgest e Porto, Museu Nacional de Soares dos Reis, 1997.

Geografias do Sagrado. Porto, Galeria 111, 1998.

A Idade da Terra. Lisboa, Galeria 111, 2002.

A Terra e o Tempo Pintura e Desenho 1987/2003. Aveiro, Museu da República Arlindo Vicente, 2003.

Retratos e Auto-Retratos. Cascais, Centro Cultural de Cascais, 2005.

Orpheu & Eurydice. Lisboa, Centro Nacional de Cultura, 2006.

Pintura, Desenho e Azulejo 1982 a 2006. Lisboa, Galeria da Cordoaria Nacional, 2006.

50 Anos de Arte Portuguesa. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

A Máscara e o Tempo. Lisboa, Galeria Ratton, 2009.

Arte Partilhada Millennium bcp - 100 Anos de Arte Portuguesa. Portugal, exposição itinerante, 2009-2012.

Metamorfoses, Pintura e Desenho 2000/2010. Bragança, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, 2011.

A Caminhada do Medo. Bragança, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, 2012.

Graça Morais: uma antologia - da terra ao mar. Bragança, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, 2013.

Graça Morais: Ritos e Mitos. Bragança, Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, 2015.

O Rosto do Medo. Lisboa, Galeria Ratton, 2016.

Ressonâncias: da voz e dos ecos. Lisboa, Fundação Champalimaud, 2017.

B I B L I O G R A F I A

AA.VV., 1998; AA.VV., 2011; CANDEIAS, 2007; FERREIRA, 1985.



PAULA
REGO

(Lisboa, 1935)

MARIA PAULA FIGUEIROA REGO nasceu a 26 de Janeiro de 1935, em Lisboa. Terminados os estudos na Saint Julian's School de Carcavelos (1945-1951), com 17 anos vai estudar pintura para Londres na Slade School of Fine Art (1952-1956), instituição onde viria a conhecer o seu futuro marido, o pintor Victor Willing (1928-1988). Em 1956 regressa a Portugal, tendo vivido na Ericeira até 1963, mas deslocando-se regularmente a Londres até 1976, ano em que estabeleceu a sua residência naquela cidade. A sua primeira apresentação pública acontece em 1961, no contexto da *II Exposição de Artes Plásticas* da FCG (Fundação Calouste Gulbenkian), na qual participa com três pinturas-colagens e nos dois anos seguintes é-lhe atribuída uma bolsa por esta instituição. Data de 1965 a sua primeira exposição individual na SNBA (Sociedade Nacional de Belas-Artes), em Lisboa. Em 1969 integrou a representação portuguesa na *XI Bienal de São Paulo* e, em 1985, a do Reino Unido na *XVIII* edição do mesmo certame. No decurso dos anos 70 expõe com regularidade no nosso país e nos finais desta década (1978) foi-lhe novamente concedida uma bolsa pela Fundação Calouste Gulbenkian para uma pesquisa sobre contos populares, daí resultando uma exposição na *Royal Academy*, em Londres, que colheu boa aceitação crítica. A partir de meados dos anos 80 a pintora viu o seu trabalho ser cada vez mais reconhecido, destaque para a sua primeira grande exposição individual na *Serpentine Gallery*, o que levou à realização de uma importante exposição retrospectiva da sua obra, em 1988, em Londres, a que se seguiu uma outra, a primeira da artista na Fundação Calouste Gulbenkian e uma retrospectiva na *Tate Gallery* (1997), apresentada, no mesmo ano, no Centro Cultural de Belém. Em 2004 o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, apresentou uma selecção da sua obra produzida desde 1996, incidindo particularmente na relação entre a sua pintura e o

desenho. A artista tornou-se, em 1990, Primeiro Artista Associado da National Gallery, em Londres. Ao longo da sua carreira, tem sido agraciada com inúmeras distinções, entre outras: Prémio Consagração CELPA/Vieira da Silva (2001), título de *Dame* do Império Britânico (2010) e Personalidade Portuguesa do Ano pela Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (2010). Em 2004 foi condecorada com a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada e em 2015 recebe o título de Doutora honoris causa em Letras pela University of Cambridge. Está representada em reputados museus e galerias, nomeadamente: Fundação Calouste Gulbenkian, Metropolitan Museum of Art, Museu Colecção Berardo, Museu da Presidência da República, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, National Gallery, National Portrait Gallery, The Tate Gallery e The British Museum. No ano de 2009 abriu ao público a Casa das Histórias Paula Rego (Cascais), um museu dedicado à obra da pintora e de Victor Willing.

E X P O S I Ç Õ E S (s e l e c ç ã o)

Young Contemporaries. Londres, Royal Society of British Artists, 1954.

II Exposição de Arte Plásticas. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.

Primeira exposição individual. Lisboa, Sociedade Nacional de Belas Artes, 1965.

X Bienal de São Paulo. São Paulo, 1966.

XIII Bienal de São Paulo. São Paulo, Parque Ibirapuera, 1975.

Portuguese Art since 1910. Londres, Royal Academy of Art, 1978.

Expõe a série Red Monkey. Londres, AIR Gallery, 1981.

Antevisão do Centro de Arte Moderna. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

XVIII Bienal de São Paulo, São Paulo, Parque Ibirapuera, 1985.

Retrospectiva. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Porto, Casa de Serralves e Londres, Serpentine Gallery, 1988.

Fragmentos para um Museu Imaginário. Porto, Fundação de Serralves, 1994.

New Acquisitions. Londres, National Portrait, 1995.

Paula Rego Retrospective Exhibition. Liverpool, Tate Gallery e Lisboa, Fundação das Descobertas e Centro Cultural de Belém, 1997.

Paula Rego - O Crime do Padre Amaro e Untitled. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

Paula Rego. Porto, Museu de Serralves, 2004.

Paula Rego in Focus, Londres, Tate Britain, 2004.

Paula Rego. Madrid, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2007.

Paula Rego Graven Images. Birmingham, Birmingham Museum & Art Gallery, 2007.

Arte Partilhada Millennium bcp - 100 Anos de Arte Portuguesa. Portugal, exposição itinerante, 2009-2012.

Paula Rego. Cascais, Casa das Histórias Paula Rego, 2009-2010.

Paula Rego Anos 70, Contos Populares e Outras Histórias. Cascais, Casa das Histórias Paula Rego, 2010.

My Choice e A Caçadora Furtiva. Porto, Galeria Fundação EDP, 2011.

Innervations. Cascais, Casa das Histórias Paula Rego, 2012.

Paula Rego: o Último Rei de Portugal e Outras Histórias. Londres, Marlborough Fine Art, 2014.

Diálogos Imaginados, Rafael Bordalo Pinheiro e Paula Rego. Lisboa, Museu Rafael Bordalo Pinheiro, 2016.

B I B L I O G R A F I A

AA.VV., 1988; AA.VV., 2004; AA.VV., 2010; FERREIRA, 2010; RUIVO, 2010.

 BIBLI
 OGR
 AFI A

- AA.VV. 2014. *António Dacosta 1914 | 2014*. Lisboa: Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian. Catálogo de exposição

- AA.VV. 1988. *António Dacosta*. Lisboa: Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian. Catálogo de exposição

- AA.VV. 1990. *Eduardo Luiz*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna, 1990. Catálogo de exposição

- AA.VV. 2011. *Graça Morais: 2011 a caminhada do medo*. Porto: Cooperativa Árvore. Catálogo de exposição

- AA.VV. 1998. *Graça Morais*. Lisboa: Galeria 111/Quetzal.

- AA.VV. 2011. *Marcelino Vespeira 1925-2002: 10 anos de conversas ausentes*. Montijo: Câmara Municipal do Montijo. Disponível em: https://issuu.com/cmmtijo/docs/cat_logo_marcelino-vespeira_2011. Catálogo de exposição

- AA.VV. 1988. *Paula Rego*. Lisboa: Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian. Catálogo de exposição

- AA.VV. 2010. *Paula Rego Anos 70, Contos Populares e Outras Histórias*. Cascais: Fundação Paula Rego: Casa das Histórias Paula Rego. Catálogo de exposição

- AA.VV. 2004. *Paula Rego*. Porto: Fundação de Serralves. Catálogo de exposição

- ALFARO, Catarina, OLIVEIRA, de Leonor. 2014. *1961: Ordem e Caos*. Cascais: Casa das Histórias Paula Rego.

- ALMEIDA, Rui Manuel; PINA, Susana (coord.). 2015. *Cruzeiro Seixas: Sou um tipo que faz coisas*. Lisboa: Museu da Presidência da República. Catálogo de exposição

- ÁVILA, María Jesús; CUADRADO, Perfecto E. 2001. *Surrealismo em Portugal, 1934-1952*. Lisboa: Instituto Português dos Museus - Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. Catálogo de exposição

- CANDEIAS, Ana Filipa. 2007. "Graça Morais". In *50 Anos de Arte Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas-Artes. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Catálogo de exposição.

- FERNANDES, Maria João (et al.). 2003. *Carlos Calvet: 60 anos de pintura*. Lisboa: ACD Editores.

- FERREIRA, Emília. 2016. "Artur Cruzeiro Seixas". In *Más que vanguardia. Arte portuguesa entre dos siglos. Fondos de la Colección Moderna - Museo Calouste Gulbenkian*. Burgos: Fundación Caja de Burgos. Catálogo de exposição

- FERREIRA, Emília. 2016. "Carlos Calvet". In *Más que vanguardia. Arte portuguesa entre dos siglos. Fondos de la Colección Moderna - Museo Calouste Gulbenkian*. Burgos: Fundación Caja de Burgos. Catálogo de exposição

- FERREIRA, Emília. 2010. *Paula Rego*. Matosinhos: Quidnovi (Pintores Portugueses; 14).

- GONÇALVES, Rui Mário. 1984. *António Dacosta*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

- GONÇALVES, Rui Mário. 2007. *Cruzeiro Seixas: com a asa por dentro*. Lisboa: Caminho.

- MEGA FERREIRA, António. 1985. *Graça Morais: Linhas da Terra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- OLIVEIRA, Leonor. 2013. *Museu de Arte Contemporânea de Serralves. Os antecedentes, 1974-1989*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda/Instituto de História da Arte.

- PINHARANDA, João; CUADRADO, Perfecto E. 2004. *Mário Cesariny*. (coord. SOUSA, Anabela). Lisboa: Fundação EDP: Assírio & Alvim.

- POMAR, Alexandre. 2007. "Eduardo Luiz 1932-1988". Disponível em: http://alexandrepomar.typepad.com/alexandre_pomar/

- ROSA DIAS, Fernando. 2014 (coord.). *António Dacosta. Catálogo Raisonné*. [Em linha] Lisboa: Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: <http://www.dacosta.gulbenkian.pt>.

- RUIVO, Ana. 2010. "Abstracção. Obras da Coleção Millennium bcp. Critérios para uma selecção". In *Abstracção. Arte Partilhada Millennium bcp*. Catálogo de exposição comissariada por Ana Ruivo e Raquel Henriques da Silva. Lisboa, Millennium bcp, 2010, pp. 18-27.

- RUIVO, Ana. 2010. "Paula Rego". In *Abstracção. Arte Partilhada Millennium bcp*. Lisboa: Fundação Millennium bcp. Catálogo de exposição

- SANTOS, David; SANTOS, Rui Afonso. 2000. *Vespeira*. Lisboa: Instituto Português dos Museus - Museu Nacional de Arte Contemporânea - Museu do Chiado. Catálogo de exposição

- SARDO, Delfim. 2011. *Obras-Primas da Arte Portuguesa*. (coord. RODRIGUES, Dalila). Lisboa: Athena.

- SILVA, Raquel Henriques da. 2009. "Carlos Calvet". In *Arte Partilhada Millennium bcp - 100 Anos de Arte Portuguesa*. Lisboa: Fundação Millennium bcp. Catálogo de exposição.

- SILVA, Raquel Henriques da. 2007. "Marcelino Vespeira". In *50 Anos de Arte Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Belas-Artes. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão. Catálogo de exposição

- SOARES, Maria Leonor Barbosa. 2004. "Eduardo Luiz. Na ordem, a desordem: ampliando a experiência da representação em pintura". In *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*. Porto: FLUP. Série I, Volume III, 109-127. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8698/2/4086.pdf>

- SOARES, Maria Leonor Barbosa. 2009. "Eduardo Luiz: trajectos ao lado do evidente". Disponível em: <http://www.apha.pt/wp-content/uploads/boletim3/LeonorSoares.pdf>

- TAVARES, Emília (coord.). 2009. *Batalha de Sombras: Coleção de Fotografia dos anos 50 do Museu Nacional de Arte Contemporânea-Museu do Chiado*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal, Museu do Neo-Realismo. Catálogo de exposição

—
L I S T A
D E
A B R E V I
A T U R A S

ass. assinado
col. colecção
coord. coordenação
ct. canto
dat. datado
drt. direito
esq. esquerdo
inf. inferior
inv. inventário
n. não
nº número
p. página
pp. páginas
sup. superior
s/ sobre

CAM Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian

DGPC Direcção Geral do Património Cultural

FCG Fundação Calouste Gulbenkian

MNAC Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado

SNBA Sociedade Nacional de Belas Artes

SNI Secretariado Nacional de Informação

SPN Secretariado de Propaganda Nacional

A G R A D E C I
M E N T O S

Câmara Municipal do Montijo
Casa da Liberdade - Mário Cesariny e Perve Galeria
Catarina Alfaro
Fundação Calouste Gulbenkian
Galeria 111
Graça Morais
Graça Rodrigues
Nick Willing

C R É D I T O S
F O T O G R Á F I C O S

Cruzeiro Seixas

© Eduardo Tomé/Casa da Liberdade - Mário Cesariny
Copyright ©: Casa da Liberdade - Mário Cesariny, 2017.

Mário de Cesariny

Mário Cesariny, 1975.
© Eduardo Tomé/Casa da Liberdade - Mário Cesariny
Copyright ©: Casa da Liberdade - Mário Cesariny, 2017.

Carlos Calvet

Carlos Calvet, 2010.
Copyright © Carlos Cabral Nunes/Casa da Liberdade
— Mário Cesariny

Marcelino Vespiera

Copyright ©: Câmara Municipal do Montijo

António Dacosta

António Dacosta, 1984.
Fotografado por Manuel de Brito
Copyright ©: Galeria 111

Eduardo Luiz

Eduardo Luiz, 1981.
Fotografado por Manuel de Brito
Copyright ©: Galeria 111

Graça Morais

Graça Morais, 2017.
Fotografia de Rui Ochoa.

Paula Rego

Paula Rego, 1976.
© Manuela Morais.

—
F I C H A
T É C N I C A

E X P O S I Ç Ã O

Título
A Partir do Surrealismo na Coleção Millennium bcp

Curadora
Raquel Henriques da Silva

Gestão e Conservação da Coleção
Rui Paiva

Textos
Raquel Henriques da Silva
Joana d'Oliva Monteiro

Projecto Museográfico
Rui Paiva

Coordenação de Montagem
Rui Paiva
Millennium bcp

Montagem
VS Grupo

Produção
Millennium bcp

Design
playground.atelier

Media Relations
Plataforma-a

Logística e Apoio Administrativo
Millennium bcp

Transporte
VS Grupo

Seguros
Occidental Seguros

Serviço Educativo
Coordenação: Pietra Fraga
Actividades: Ana Isabel Gonçalves, Joana Ratão, João Catarino,
Leonor Cabral, Mariana Lemos, Susana Anágua, Wagner Borges
Produção: Sara Santana

C A T Á L O G O

Coordenação Científica e Editorial
Raquel Henriques da Silva

Textos e Investigação
Raquel Henriques da Silva
Joana d'Oliva Monteiro

Edição
Fundação Millennium bcp
Rua Áurea, 130, Piso 4
1100-060 Lisboa

Fotografia
Pedro Aboim Borges

Design
playground.atelier

Produção
Millennium bcp

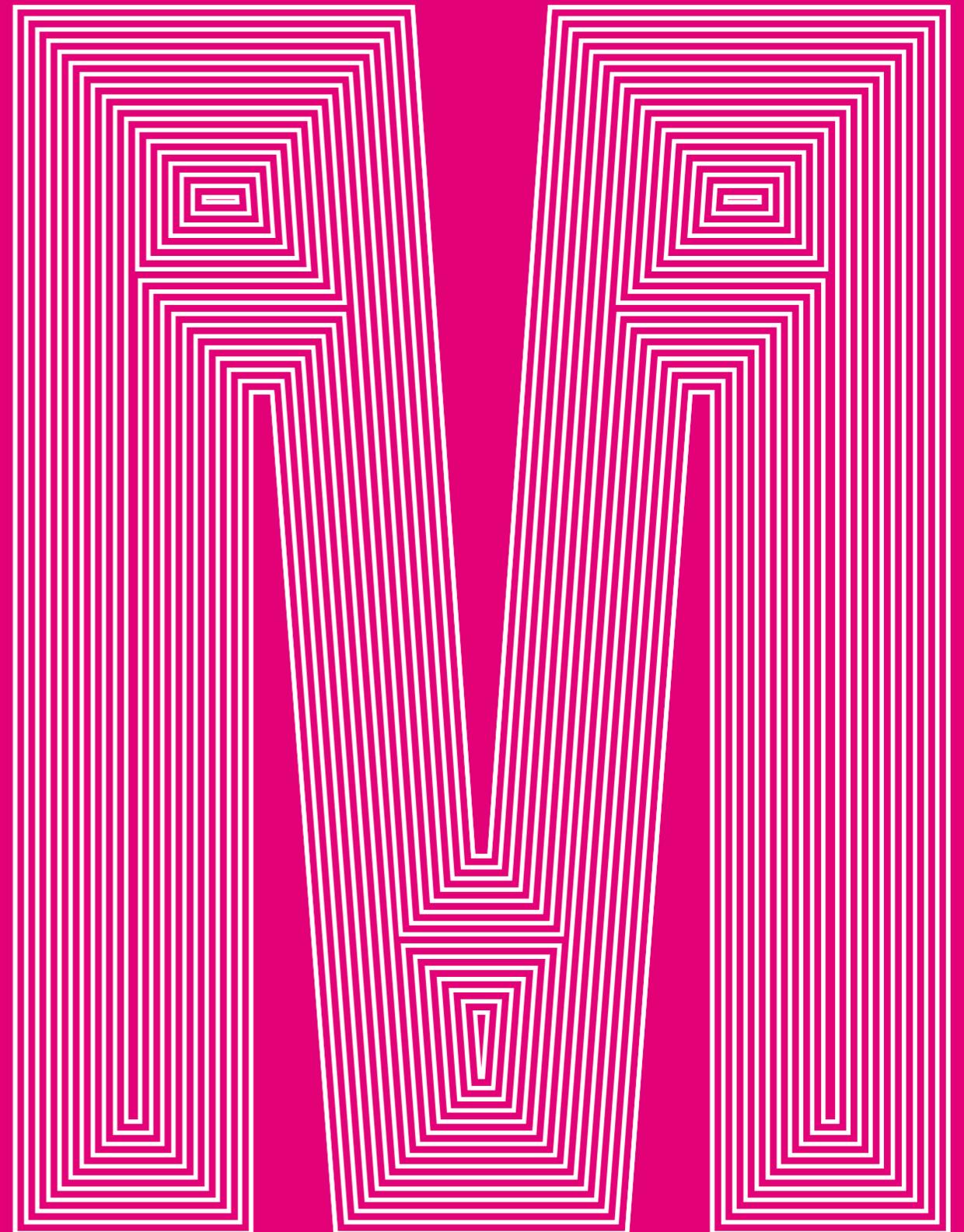
Impressão e Acabamento
Gráfica Maiadouro, S.A.

ISBN
978-989-98922-6-2

Depósito Legal
431623/17

1ª Edição, Setembro 2017
EXEMPLARES
400

Todos os direitos reservados
© Textos: os autores
© Presente edição: As imagens seleccionadas não podem ser
reproduzidas a partir desta edição. Nenhuma parte desta obra
pode ser reproduzida sob qualquer forma, sem autorização
expressa da Fundação Millennium bcp e dos seus autores.



A R T U R
C R U Z E I R O
S E I X A S
M Á R I O
C E S A R I N Y
C A R L O S
C A L V E T
M A R C E L I N O

**A PARTIR DO
SURREALISMO**
NA COLEÇÃO MILLENNIUM BCP

V E S P E I R A
A N T Ó N I O
D A C O S T A
E D U A R D O
L U I Z
G R A Ç A
O R A I S
P A U L A
R E G O